



# As Estações



**Revista Literária**  
**U. E. José Rufino Borges**  
**Ano 4 - 2022 - Porto Franco, MA**





# SUMÁRIO

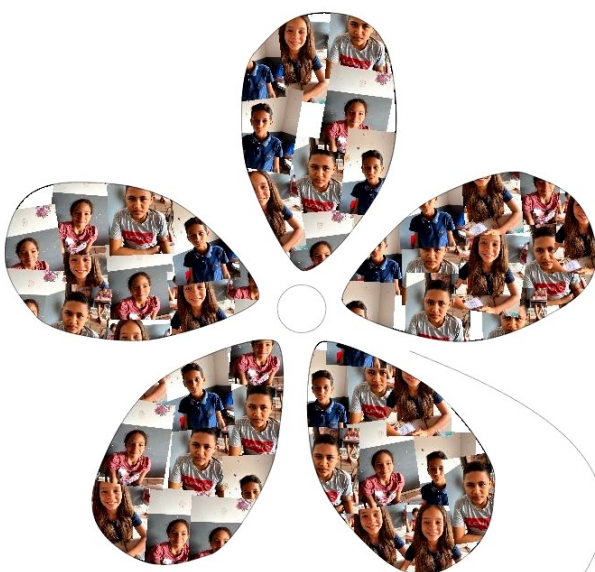
1. Editorial.....	03
2. Poema visual.....	05
3. Conto de terror.....	08
4. História em quadrinhos.....	31
5. Música.....	36
6. Fantasia.....	37
7. Fábula.....	54
8. Conto de humor.....	60



## O DESAFIO DE OLHAR PARA NOVOS HORIZONTES

Karen de Oliveira & Samara Rodrigues

ALUNOS DO 6º ANO



A revista **As Estações** é um projeto literário realizado na Unidade Educacional José Rufino Borges (Porto Franco – MA), esse projeto é realizado com o ensino fundamental – Anos finais. Após dois anos sem fazermos nossa revista literária devido à pandemia, **As Estações** chegou em sua quarta edição com muitas novidades.

A primeira é que todos os textos foram produzidos coletivamente, tendo como principal recurso o celular, tendo em vista o grande avanço na nossa região rural com muitas famílias e até a própria escola tendo internet. Tal avanço permitiu que os alunos fizessem pesquisas, assistissem vídeos ou gravassem e organizassem os

textos em sala de aula mesmo, além de permitir a comunicação entre eles e o professor fora da escola.

Outra grande novidade foi a inclusão de uma nova professora no projeto, a Samara Rodrigues. Ela já foi minha aluna aqui na nossa escola, desde cedo apresentou um grande talento para a escrita, tive o privilégio de chegar a ler um livro em que ela estava escrevendo, isso aos 9 anos de idade. Hoje, formada em pedagogia, retornou à sua região natal e veio a todo vapor contribuir com todo seu conhecimento, dedicação, amizade e companheirismo engrandecer mais ainda nossa revista. Como professora, devo confessar o prazer de ter um ex-aluno trabalhando ao meu lado e compartilhando a mesma paixão pela docência.

Nesse ano comecei a ministrar a disciplina de Língua Portuguesa para o 6º e 7º anos. Recebi o ilustre convite de fazer parte da revista **As Estações** e com muita honra aceitei. Sempre gostei de de-



ALUNOS DO 7º ANO



safios, mas confesso que fiquei muito receosa. Minha principal preocupação era de não conseguir desenvolver um bom trabalho com a turma, mas a Karen sempre me incentivou e me manteve confiante nas vezes que duvidei do meu potencial.

**A**dmito que o desejo de suprir as expectativas que ela deposita mantém-me motivada, pois desde quando era minha professora do ensino fundamental ela sempre acreditou muito em mim, além de continuar sendo minha professora até hoje e ser minha inspiração diária, pois tenho ela como uma referência de profissional, que me ajuda a crescer, visto que cheguei aqui na escola ainda engatinhando na minha inexperiência profissional e ela nunca soltou minha mão, sempre me incentivando a evoluir profissionalmente.

**E**ssa confiança que ela tem não me deixa

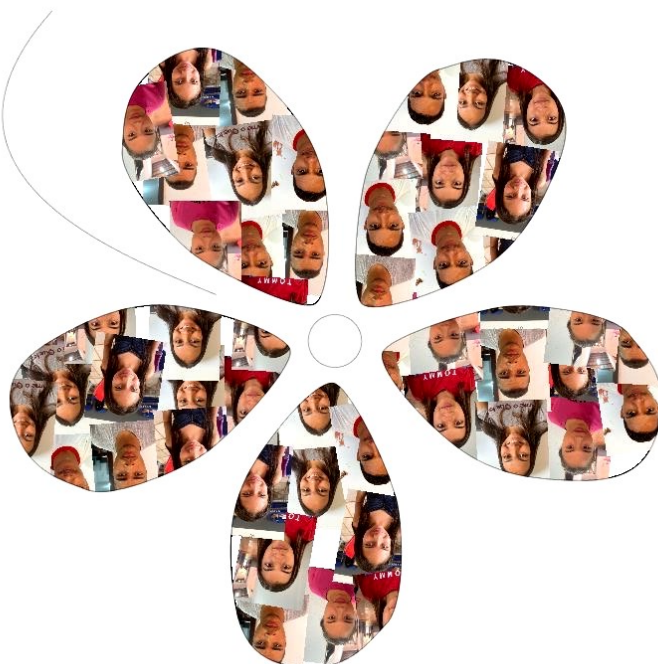
desistir e foi o que me fez acreditar que sempre posso ir além, motivos pelos quais sempre me empenhei pelos estudos, mesmo sendo de família humilde, sempre me esforcei para conseguir ingressar em uma universidade e concluir meu ensino superior. E que honra ter como colega de profissão minha referência como profissional.

**U**m dos grandes desafios da revista, é manter os alunos sempre motivados e pensando no resultado do trabalho, pois eles se apegam muito aos pequenos detalhes e não pensam no trabalho pronto e, devo confessar que, pensando dessa forma, realmente vem o desejo de desistir.

**P**ara a minha turma, diferente de alguns alunos da turma da Karen (que já participaram da revista em edições passadas) é algo novo assim como para mim. Então tivemos uma certa dificuldade de passar pelos processos, mas a Karen sempre me instruiu sobre a melhor forma de lidar com os medos, anseios e desânimos da turma.

**C**omo eles vêm de um longo tempo longe da sala de aula e de uma experiência em sala mais dependente dos professores, alunos que vieram do 5º ano e que estão tendo a primeira experiência em sala de aula com os professores dos anos finais esse ano, o processo de escrita autoral à eles parece muito difícil, pois eles tem uma visão um pouco fechada, usando de muita redundância nos textos, então cabe a nós, professores, ampliar esse olhar a novos horizontes, para tornar o texto mais rico.

**N**esse sentido, o professor tem um papel fundamental na elaboração desse projeto, pois vai guiar os alunos sobre como tornar a história mais interessante e mais rica em detalhes, exatamente o ponto em que eu e a Karen entramos no processo. Ela, como citado inicialmente, já fez esse projeto outras 3 vezes, inclusive com turmas que nunca tinha tido contato com a revista. E eu, respaldada por alguém experiente como ela, o resultado não poderia ser outro, senão esse trabalho lindo que vocês poderão acompanhar na edição dessa revista.







# POEMA VISUAL

## A FLOR E O BEIJA-FLOR

Ana Vitória Bezerra

beizarei para sempre. que eu mais amo  
 na em A flor que eu mais amo  
 A flor. A flor mais linda do meu jardim. A flor  
 Minha tão bela flor. A flor mais linda do meu jardim. A flor  
 Voe...  
 Oh minha, perfeita...  
 Asas tão perfeitas...  
 Meu querido beija-flor, Oh beija-flor, meu querido beija-flor  
 Dá-las assim. Oh beija-flor, meu querido beija-flor  
 não tão mais linda  
 Bonitas Oh meu beija-flor que amo  
 Oh beija-flor mais amor. Oh meu beija-flor que amo  
 Oh beija-flor mais amor. Oh meu beija-flor que amo

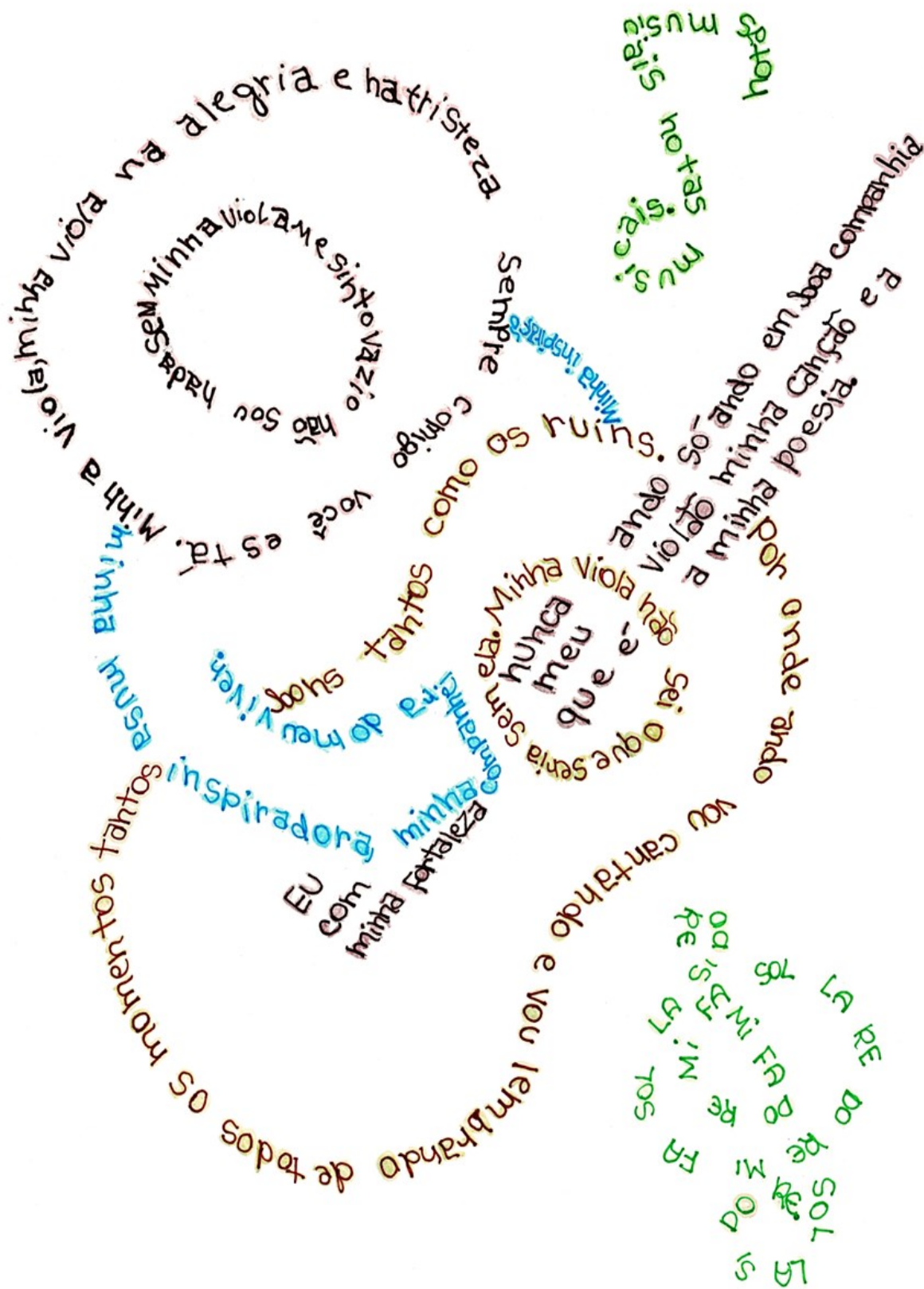
السَّلَامُ عَلَيْكُمْ وَرَحْمَةُ اللَّهِ وَبَرَكَاتُهُ





## A CONEXÃO ENTRE O VIOLEIRO E A VIOLA

**Kauan Pereira & Sayuri Santos**











# CONTO DE TERROR

## A DOÇURA INFERNAL



Cássio Nascimento, Karen Jordânia Monteiro & Ronilson Carvalho






**N**ão faz muito tempo, em uma pequena cidade chamada Água Azul, localizada no interior de São José, vivia uma garota chamada Karen Jordânia, ela tinha 15 anos, era uma menina tímida, porém feliz e sorridente. Seu sorriso era contagiante, alegrando todos ao seu redor, muito bonita, de cabelos lisos, pele morena clara, magra e com corpo definido. Ela espalhava alegria por onde passava, pois era doce, humilde, e muito amiga de todos. Se dava muito bem na escola, era muito estudiosa e inteligente, sempre tirava sempre notas boas.





**K**aren morava com seu pai Flávio, sua madrasta Aline e com seu irmão Tiago, fruto do último casamento de seu pai com Aline. Ela não era muito próxima a seu pai, pois no passado, em um momento muito difícil da vida dela e da mãe dela seu pai às abandonou. E há pouco tempo ela veio morar com ele, sua madrasta e seu irmão de 7 anos. A infância da Karen foi muito boa, cheia de amor e carinho, vivia com seu pai e sua mãe felizes como nunca. Só que a partir dos 7 anos sua vida começou a ruir. Sua mãe descobriu uma doença grave, era câncer de mama, na época era uma mulher muito amada por seu marido e sua filha.



**Q**uando ela descobriu a doença ficou arrasada, não sabia o que fazer, e ela contou à sua filha, pois era muito pequena para entender sobre aquilo. Algum tempo depois Flávio simplesmente a abandonou e sumiu, sem dar explicação de nada, ninguém sabia realmente o que tinha ocorrido. Kátia se sentiu sozinha desamparada, enganada e não sabia o que fazer, a descoberta da doença e o sumiço de Flávio afetaram muito a vida dela. Karen se sentia angustiada, estava tudo estranho na vida dela. O pai havia sumido e nunca mais dera nenhuma notícia. Sua mãe estava triste, cansada e tudo aquilo era muito estranho.



**C**om o passar dos meses, Karen percebeu que sua mãe estava mais triste, fisicamente estava pálida, com olheiras grandes, tinha emagrecido bastante, vomitava com uma certa frequência, pouco a pouco ia perdendo o cabelo, começaram a surgir manchas roxas em seu corpo, não tinha ânimo para nada e só queria estar deitada. Ver sua mãe naquela condição e a entristecia bastante, mal sabia ela que eram as consequências da quimioterapia.



**U**m ano depois, Kátia estava no hospital seguindo com seu tratamento, quando encontrou o Luís, um velho amigo do casal de longas datas. Luís perguntou à Kátia se ela



Karen







tinha alguma notícia de Flávio, então ela contou que há 1 ano ele saiu de casa sem dar notícias e até hoje ela não sabia o que tinha acontecido com ele. Luís se apiedou e contou a verdade para Kátia, Flávio tinha um romance com uma colega de trabalho, e essa mulher era filha de um empresário muito bem-sucedido. Na época, assim em que ele descobriu que ela estava grávida, ele foi morar com ela. Aquilo foi uma facada no peito de Kátia, ela nunca imaginou que Flávio poderia ter feito aquilo com ela. A pobre mulher conseguiu se sentir mais sozinha ainda do que já estava.

**Q**uase 7 anos depois, Luís procurou Flávio dizendo que Kátia não estava nada bem e logo poderia morrer, sugeriu que era melhor procurar sua ex-esposa antes que fosse tarde. Então Flávio entrou em contato com ela e disse que não precisaria se preocupar com a Karen, o que a tranquilizou, sua filha não estaria mais à mercê da vida. Infelizmente, algum tempo depois ela não conseguiu vencer a batalha contra o câncer e faleceu.

**K**aren ficou arrasada com a perda da mãe, somente alguns dias ela tinha descoberto o que realmente Kátia estava tendo, mas não pensava em perdê-la. Nunca tinha lhe ocorrido que pudesse ser tão sério como era. No enterro ela estava se sentindo tão sozinha, quando de repente aparece seu pai, com sua mulher e seu filho. O que a deixou em choque, depois de tanto tempo sem vê-lo, ela pensava que ele era outra pessoa, um homem mais bem-vestido, mais velho e bem elegante, não parecia aquele pai tão maravilhoso que ele era. E a esposa dele era uma mulher alta, magra, de longos cabelos loiros, bem-vestida, de salto alto e roupas caras. Tinha seu filho segurando a mão dela, um menino loirinho, de cabelos curtos, de sapato e um terninho, parecendo um anjinho. Eles tinham um ar de arrogância, desconforto por ter que estar naquele lugar. Quem a visse, pensaria que ela estava passeando em um shopping e não em um enterro.

**K**aren fixou o olhar naquela cena e ficou imaginando, como seu pai teve coragem de deixá-las para viver aquela outra vida que parecia tão vazia e livre de afeto. Será que ele ainda a amava como antes? Eram tantas perguntas em sua cabeça. Logo que saíram do cemitério, Karen foi conhecer sua nova casa em Toscana. Ela estava confusa, tudo aquilo que ela via nada se parecia com sua antiga casa, estava se sentindo desconfortável com tanta ostentação.



Da esquerda para a direita está Cássio, Henrique, Bruno e Daniel

**N**o dia seguinte ela foi matriculada na escola Alberto Neves e já começou a estudar. Os meninos desta escola tinham um ar arrogante de quem julgava pensar ser o dono do mundo. A ideia de diversão envolvia ato de depreciação alheia. Com isso, os rapazes disputavam o título de “o mais pegador”, para tal, existia uma tabela de pontos para cada menina com quem eles ficassem. E a Karen, por ser nova na área e pertencente à famosa família Bueno, já entrou nesta tabela com uma pontuação altíssima, logo, se tornou a garota mais cobiçada da escola. Com isso todos começaram a se aproximar dela, lógico que movidos pelo interesse.

**U**m desses garotos que participavam dessa brincadeira se chamava Cássio começou a ser extremamente agradável com ela e a convidou para uma festa em sua casa





de boas-vindas a ela. Karen ficou envaidecida com toda a atenção que estava recebendo e como os alunos dali estavam sendo tão receptivos com ela. Quando chegou à festa, todo mundo a cumprimentava e a estava rodeando. Cássio chegou e a chamou para conhecer sua casa, ela estava deslumbrada com o bom gosto da decoração da mãe dele. Por fim, eles chegaram ao quarto dele, ela ia à frente encantada com a coleção de carros em miniatura que ele tinha. Ele fechou a porta e começou a se aproximar dela, até que lhe roubou um beijo, o que ela gostou e retribuiu.

Isso para Cássio foi um sinal verde para que avançasse além, ele começou a beijá-la num desespero, percorrendo por seu pescoço e tentando alcançar seus seios, suas mãos começaram a percorrer suas curvas. Neste momento, Karen se assustou e pediu para que ele parasse, porém ele continuou avançando ignorando os apelos dela que foram se transformando em gritos abafados e choro. Quando ele a deixou só em seu quarto, ela estava jogada na cama nua, chorando e machucada, mas sua maior dor vinha de sua alma. Só teve forças para se vestir rapidamente e sair dali correndo.

No outro dia ela acordou com uma esperança de que aquilo que aconteceu na noite passada tivesse sido apenas um pesadelo, mas se deu conta que não era, em frente ao espelho pôde ver melhor as marcas de violência deixadas por Cássio. E guardou para si o que havia acontecido por medo e por vergonha. Ela não queria sair de seu quarto, mas seu pai a obrigou a ir à escola. Chegando lá, manteve uma postura de que estava tudo normal e agiria assim, talvez fosse melhor fingir que nada tinha acontecido.



Da esquerda para direita está Cássio, Karen e Ronilson

Ela andava “tranquilamente” pelos corredores quando percebeu que por onde passava as pessoas a encaravam e começavam a rir e Karen começou a se indagar o porquê daquilo. No intervalo, ela estava sentada só numa mesa do refeitório refletindo sobre a noite anterior quando chega à sua mesa um colega de classe, Ronilson, tirando-a de seus desvaneios. Ele perguntou a ela se ela estava sabendo o que estavam falando dela, diante sua negativa, ele mostrou a ela um vídeo em que apareciam ela e Cássio ficando. Ela ficou perplexa do quão nojento e baixo era o Cássio.

Ronilson falou da tabela e lhe disse que havia uma boa pontuação atribuída a ela. Karen se sentiu humilhada, seu desespero se agravava à medida em que recebia mensagens de pessoas falando coisas horríveis dela, debochando e a chamando de nomes ridículos. Na mesma hora mandaram uma mensagem anônima para Aline, falando sobre o ocorrido, isso a fez sentir raiva, quanta desgraça aquela menina estava trazendo para sua família, desde o início se posicionou ser contra trazê-la, para ela, teria mandado aquela favelada para um internato. Porém Flávio ainda carregava consigo de ter abandonado a filha a quem era tão próximo e queria tentar compensar os anos perdidos com sua filha.

Mal Flávio chegou em casa, Aline começou o inferno, mostrou o que sua preciosa filha tinha feito e o mandou tomar uma atitude sobre aquela situação, pois o nome de sua família estava indo para a lama. Melhor seria eles se livrarem daquele estorvo, ela continuava gritando, toda essa situação fez o sangue do pai ferver. Enquanto isso Karen







estava na sala de aula passando vergonha, pois os meninos colocaram uma foto dela nua na sala para todo mundo ver. Ronilson se aproximou de Karen e disse que já tinha passado pela mesma situação, e que ele não suportava mais aquilo, já tinha pensado em se vingar várias vezes, porque ele não aguentava mais aquelas brincadeiras.



No dia na escola foi um inferno, só queria chegar em casa, se deitar e chorar, pôr toda aquela dor para fora. No entanto não contava com seu pai fervendo de ódio a esperando. Nem deu tempo para que ela pudesse se explicar e a bombardeou com insultos até que pegou seu cinto e a espancou. A dor que sentia lhe feria profundamente a alma, só queria que aquilo se acabasse.



Karen, em prantos, correu para seu quarto e ligou para Ronilson, precisava muito naquele momento de um ombro amigo para confortá-la. Lhe dizia que a morte poderia ser a forma de pôr fim “aquele sofrimento, Ronilson confessou também que já tinha pensado várias vezes em se suicidar. Aquelas brincadeiras nunca tinham fim e só ia piorando a cada dia. Então propôs terminarem juntos com aquele drama, poriam fim em suas vidas. Naquele momento de fraqueza em que só precisava de alento, Karen nem pensou direito nas consequências de suas ações e concordou.



No outro dia uma bomba avassala a pequena cidade com a notícia do suicídio de Karen, todos estavam perplexos que algo tão pequeno poderia ter consequências tão drásticas. Em seu enterro, estava o pai com mais remorso ainda por ter faltado novamente quando mais precisava, sua madrasta e irmão fingindo tristeza, seus colegas e professores, bem ao fundo estava um rapaz vestido com terno preto e óculos escuros, era Ronilson. Vendo aquela falsa comoção de todos, mal conseguiu esconder um sorrisinho de canto de boca.



Ronilson não era aquela boa e ingênua pessoas em que as pessoas acreditavam, ele conseguia esconder bem sua frieza e sua capacidade de manipular as pessoas. Alguns meses antes, o que poucos sabiam era que ele havia começado um romance com Cássio, mas esse ainda não estava pronto para se assumir, era um rapaz vazio e mais preocupado com as aparências. Isso feriu o coração de Ronilson que estava se apaixonando e não conseguiu lidar com a rejeição, prometeu a si mesmo de que se vingaria e viu a doce e ingênua Karen como um meio para um fim. Foi fácil se aproximar dela e mais fácil ainda convencê-la a suicidar.



Ninguém sabia que Ronilson, participava secretamente de uma seita demoníaca chamada “*Filu Templi Maledictum*”. Essa seita era composta pelos homens das famílias mais poderosas da região e tinham como objetivos, poder e riqueza. Seus rituais aconteciam em uma terra privada e isolada de um dos anciãos do grupo. Comumente sacrificavam animais ou feriam outras pessoas drogadas. Essas terras eram guardadas por cães do inferno, eram cachorros comuns sacrificados e ressuscitados com a única função de protegerem aos membros da seita. Eles eram todos negros, com olhos de fogo e a boca rasgada saindo sangue. Em seus rituais os homens vestiam túnica e luvas pretas e uma máscara vermelha com formato de demônios. O trabalho começava tarde da



Ronilson



noite e iam madrugada adentro. Tinham costumes bizarros de beber o sangue ou comer os órgãos crus dos animais sacrificados. Ninguém gostaria de estar por perto desses homens, se soubessem o que faziam ali na calada da noite.



Karen possuída pelo Belzebu

Alguns dias depois da tragédia, numa madrugada fria, Ronilson saiu escondido de casa com o carro do pai, alguns minutos depois ele parou o carro na frente da casa de um colega da seita e pegou dois rapazes, juntos foram ao cemitério. Chegando lá, havia muita neblina circulando pelos túmulos e eles foram andando com pás até pararem na frente do túmulo da Karen. Começaram a cavar até pegar o corpo sem vida da moça e o levaram para o templo.

Ao chegar no templo, eles tiraram o corpo do carro, deram-lhe um banho com ervas enquanto ecoavam um cântico em latim, por fim, lhe puseram um longo vestido branco e o colocaram deitado no altar. O altar parecia cena de um filme de terror, era decorado com crânios humanos e em suas laterais, havia dois sulcos por onde escoavam o sangue dos bichos sacrificados. Naquela noite os três rapazes iriam fazer o ritual de invocação com direito a oferendas de sangue. Ao terminarem, nada aconteceu de imediato, até que uma brisa fria cortou a sala escura, fazendo com que os cabelos da jovem morta se mexessem. Karen de repente se sentou sobre o altar, seu vestido e corpo estavam coloridos pelo sangue dos animais ali abatidos. Sua pele estava mais branca do que nunca, o que acentuou a marca roxa que tinha no pescoço por causa da corda que usara em seu suicídio. Lentamente abriu o olho, ele era todo negro, e se conseguisse olhar bem ao fundo, veria uma chama de fogo. Essa visão fez com que um calafrio percorresse a coluna de Ronilson, o que o fez duvidar se tinha feito a coisa certa...

Quando se faz uma invocação, usa-se uma casca de um animal morto, podendo ser até pessoas também. No caso dos animais, seus corpos são tomados por entidades malignas, já quando se trata de uma pessoa, um demônio se apossa do corpo dela. Ao fazer o ritual de invocação, os jovens rapazes chamaram o demônio Belzebu, ele é conhecido como um dos generais infernais. Quando o demônio se apropria do corpo de uma pessoa, ele absorve todas as lembranças do passado dela, fisicamente, quando um demônio possui uma casca viva, seu rosto fica enrugado, muda o tom de voz, ficando grave e rouca, a pele da pessoa fica bastante pálida, além dos olhos adquirirem uma coloração preta reluzente.

Um demônio é imortal, a única coisa que se pode fazer é mandá-lo para o inferno através do exorcismo, que é feito por um padre especialista. Primeiro verifica se a pessoa está realmente possuída, rezando uma prece específica e jogando água benta simultaneamente. Verificado o caso de possessão, o padre acompanhado de um assistente mais a família do possuído participam do ritual. Todos oram ao redor da pessoa, o padre recita uns salmos de fé em latim colocando uma pequena cruz de prata sobre a testa do atormentado, lhe queimando a testa. Neste momento o padre pergunta ao demônio qual o seu nome e profere frases em latim mandando-o de volta ao inferno, logo se pode ver uma grossa fumaça preta saindo da boca da pessoa e se direcionando ao solo, concluindo assim, o ritual.







**B**

elzebu começou a ter flashes das memórias de Karen, percebeu o papel que o Ronilson desempenhou em seu trágico fim, olhou para Ronilson de canto de olho e deu uma risadinha cínica. Ronilson propôs um pacto com o demônio, lhe daria um amuleto para sua proteção, o que concedia ao usuário invulnerabilidade e, em troca, queria a morte de seus quatro desafetos. O amuleto era um colar adornado com pedrinhas formando chifres e estrelas.

**O**

demônio acordou com o pacto e foi saindo devagar de costas para a escuridão, enquanto a escuridão o abraçava, ele deu um sorriso maligno grosso e rouco. A escuridão o engoliu e Belzebu já não estava mais ali. Ronilson, apesar de seu mal pressentimento, estava empolgado com sua vingança, aqueles que em outrora lhe humilharam e o fizeram sofrer, agora iriam pagar, todos eles, Cássio, Daniel, Bruno e Henrique mal esperavam o que estava para acontecer.

**N**

a mesma noite, Bruno, um dos amigos de Cássio, estava em seu quarto, deitado e mexendo em seu celular. Estava se divertindo ridicularizando seus colegas nas redes sociais, quando de repente um copo com seus lápis caiu de cima da mesa, ele se levantou e colocou o copo de volta à mesa. Como a janela estava aberta e tinha uma leve brisa balançando as cortinas, pensou que isso pudesse ter derrubado o copo. Enquanto fechava a janela, o copo caiu de novo, o que lhe causou um estranhamento, ele pegou o copo e devolveu à mesa, quando virou as costas, o copo foi arremessado na parede tão forte que se espatifou, nesse momento Bruno sentiu calafrios, algo ali estava muito errado.

**E**

le foi se afastando de costas da direção da parede, tentando identificar o que estava acontecendo ali, quando parou de frente para o espelho, algo lhe chamou a atenção, vislumbrou rapidamente o reflexo da garota morta às suas costas. Se virou rapidamente e não viu absolutamente nada, quando ele olhou novamente para o espelho, Karen estava lá com um sorrisinho de canto de boca e estava mais próximo dele. Seu coração disparou, se virou novamente para trás e nada viu, o pavor começou a tomar conta dele. Tinha vontade de gritar e sair correndo dali, mas seu corpo paralisado não respondia aos seus apelos.

**M**

ais uma vez resolveu olhar para o espelho, desta vez viu Karen tão perto que poderia alcançá-lo, seu corpo se arrepiou quando sentiu a mão dela sobre seu ombro, a respiração dela era ofegante e, mesmo assim pôde ouvir uma risada rouca. Ele abaixou a cabeça e começou a chorar, já sabia que seu fim seria ali. Belzebu enfiou a outra mão entra pelas costas de Bruno e atravessou-lhe o peito com o coração do rapaz. Começou a devorar, como se há muito tempo não comia, sua boca estava toda melada de sangue, ele começou a gargalhar loucamente, sua risada era sombria, ali era o puro mal.

**N**

o outro dia encontraram o corpo de Bruno sem vida, a escola toda ficou em choque, Bruno havia sido assassinado com um grande toque de crueldade, seus amigos ficaram tristes, mas mal sabiam que seriam os próximos. Todos acreditavam se tratar de um evento aleatório. Ao cair da noite, os alunos e professores da escola prestaram homenagem ao pobre rapaz em frente à escola, Cássio e seus dois amigos, Henrique e Daniel, também estavam lá. Voltaram para suas casas já era tarde da noite.

**H**

enrique chegou em casa exausto e estava apagando a luzes do quarto para se





deitar, quando escutou alguns passos no andar de baixo, se pôs no alto da escada e gritou para ver quem era, não teve nenhuma resposta, poderia ser seu cachorro. Nessa hora ouviu os passos atravessando o corredor logo atrás de si, se virou rapidamente e nada viu, gritou novamente perguntando quem era e já estava proferindo ameaças para quem ali estivesse brincando com ele. O silêncio foi sua resposta e se pôs a andar para frente dos quartos, vasculhou os quartos e nada encontrou, pensou que poderia ser o cansaço lhe pregando peças.

**E**ntão Henrique resolveu voltar ao seu quarto, quando de repente uma pessoa andando de quatro atravessou sua frente parando bem embaixo dele, aquilo o deixou alarmado imediatamente. Ele estava ali de pé diante daquela pessoa, por causa da falta de clareza, não conseguia identificar quem era, apenas conseguiu saber se tratava de uma mulher. Ela estava de quatro olhando para baixo e começou a girar a cabeça lentamente para a direção dele e poder encará-lo com aqueles olhos negros de maldade e começou com suas risadas grossas e roucas. Henrique finalmente reconheceu a Karen, mas o que mais o deixou apavorado foi a visão daquela moça ter girado a cabeça 180°. Estava tão chocado que nem teve tempo para reagir quando Belzebu pulou em cima dele e começou a comer seu rosto com aquele fôlego de vingança até devorar sua cabeça por completo.

**D**aniel, vendo que os dois amigos próximos tinham sido mortos, começou a se preocupar, já não se tratava de um evento aleatório, alguém estava atrás deles. Compartilhou seus receios com Cássio, mas este acreditava que Daniel estava exagerando, deveria ser um doido qualquer solto em Toscana. Ao saírem da vigília para Henrique ao final da tarde, Daniel chamou Cássio para ir embora pelo parque antes que anoitecesse, no caminho Cássio recebeu uma mensagem de uma amiga e ia passar na casa dela antes de ir para sua casa. Daniel não queria ficar sozinho, porque estava preocupado e com medo. Cássio ficou fazendo piada, porque ele não iria deixar de ver uma conquista por causa do medo infundado do amigo.

**D**aniel não teve escolha, a não ser seguir seu caminho sozinho. Quando já ia andando em meio ao parque, os últimos raios do sol já tinham ido embora e ele escutou um barulho, isso o inquietou, até que identificou uma coruja voando, começou a rir sozinho, talvez Cássio estivesse certo. A noite caiu rápido trazendo a neblina consigo, isso não ajudou muito a Daniel, ouviu outro barulho, era um passarinho piando bem alto, nessa hora acreditou que estava pondo coisas na cabeça que não existiam, estava se preocupando à toa.

**N**ão faltava muito para sair do parque e finalmente chegar em casa, um vulto se pôs à frente dele na estrada, estava parada com os braços cruzados, apenas conseguiu ver o formato do corpo de uma mulher, como estava contra a luz, não enxergava o rosto. Achou melhor voltar a ter que descobrir quem ela era. Apertou os passos para se afastar o quanto antes dela. De repente o Belzebu aparece na frente dele de novo, só que dessa vez, como o seu rosto estava de frente para o brilho da lua, reconheceu a Karen. Isso sim foi um grande alarme, Daniel entrou em desespero, saiu correndo e gritando por socorro até que tropeçou e caiu, quando estava se levantando, percebeu que ela estava diante dele, ao olhar para cima, percebeu que ela estava agachada com o rosto perto dele, ainda



Daniel e Belzebu







de quatro. Belzebu agarra nos cabelos dele e começa a erguê-lo no ar, puxou com tanta força que acabou arrancando a cabeça do corpo, além de parte da coluna. Ele ficou contemplando o corpo respingando de sangue e começou a comê-lo.

**N**o outro dia cedo, Cássio soube da morte de Daniel e ficou com medo, pois aquilo já não era mais coincidência, tinha mesmo alguém atrás deles e ele seria o próximo. Não queria sair de casa e muito menos ficar sozinho, porém, nesse mesmo dia seus pais iriam viajar. Ele implorou para que fosse junto ou que eles ficassem, mas eles não desistiriam de uma segunda Lua de Mel por causa de um moleque mimado e amedrontado. De tardezinha os pais de Cássio viajaram deixando-o sozinho em casa.

**E**le resolveu se preparar para o que estava por vir, fechou todas as portas e janelas, se certificando várias vezes se estavam devidamente trancadas. Foi para seu quarto, trancou a porta, colocou uma cômoda para segurar mais forte a porta e pegou um taco de beisebol, estava pronto para lutar, se preciso fosse. Cássio começou a cochilar e despertou ao ouvir alguém mexendo na maçaneta da porta. Ele começou a gritar exigindo saber quem estava ali.



Belzebu e Cássio

Belzebu começou a arranhar a parede, Cássio se assustou mais ainda com aquele barulho horrível, mas o que o apavorou de verdade foi aquela risada grossa e rouca. O demônio começou a bater muito forte na porta, parecia que ia derrubá-la logo, podia se ver que a madeira estava cedendo. Cássio ia se afastando cada vez mais para perto da cama. O barulho da porta parou e ficou um silêncio inquietante....

**C**ássio já estava em cima da cama quando uma gota de sangue grossa, pingou em seu braço, ele olhou lentamente para cima e viu aquele demônio de quatro no teto olhando para baixo, até parecia uma aranha grudado ali de cabeça para baixo. Quando o Belzebu pulou na frente dele, Cássio reuniu toda sua força e o golpeou com o taco, porém, antes que pudesse atingi-lo, o amuleto quebrou todo o taco em pedacinhos. Neste momento o desespero tomou conta de si, pensou que poderia se defender, mas seu esforço tinha sido em vão.

O demônio riu da tentativa ingênua do garoto, o agarrou pelas têmporas com uma mão e o suspendeu no ar, o pobre garoto já sabia que seria seu fim, ainda tentou se desvencilhar, mas toda tentativa foi inútil. Sua cabeça estava sendo esmagada e nada podia fazer, já começava a escorrer sangue do nariz, da orelha, dos olhos e da boca. Os olhos de dele estavam estufando, parecia prontos a explodir a qualquer momento, logo depois, seu corpo sem vida caía no chão, o que antes parecia ser uma cabeça, ficou parecendo um bolo de carne.

**B**elzebu tinha cumprido com sua parte no pacto, agora poderia transitar livremente no mundo dos homens, porém, como havia possuído uma casca morta, já em es-





tado de putrefação, não poderia vagar durante o dia, pois chamaria muito a atenção. Por isso os demônios preferiam a noite, por causa da liberdade e segurança que o silêncio e a escuridão proporcionavam, e assim, se mantinham longe de olhares mais atentos. Mas quando era noite, o seu domínio começava e a cidade grande próxima a Toscana se tornava mais sangrenta, em um dos seus ataques, estava a ponto de estripar um homem, quando o amigo dele o golpeia com um cano. Ele caiu e ficou meio desorientado, os homens que estavam sendo atacados aproveitaram a oportunidade para fugir.



**Q**uando se recuperou, viu ao seu lado no chão umas pedrinhas do amuleto, aquilo o enfureceu, bradou um grito de ódio, arrancou o amuleto de seu pescoço e arremessou com toda a força em um muro próximo, espatifando o artefato. Ele realmente estava com raiva, saía fumaça pelas suas orelhas, as veias de sua têmpora estavam bem proeminentes e seus olhos estavam vermelhos, como se tivesse tido uma hemorragia subconjuntival. Ele havia se dado conta de que tinha sido enganado pelo Ronilson. Belzebu pensou em matar o Ronilson e fazê-lo pagar por ter caído nesta armadilha tão infantil. Como ele, com milênios de anos de vida poderia ter sido tão ingênuo a ponto de ser traçado pelo garoto.

**Q**uando Ronilson pressentiu de que estava dando invulnerabilidade a um demônio que poderia lhe trazer grandes problemas futuros. Ao fazer a magia no amuleto, ele fez uma alteração no ritual, de forma que a invulnerabilidade fosse passageira. Ao fazer o pacto fez um jogo de palavras de forma que o interlocutor não percebeu que a magia era temporária, o que de certa forma, ele tinha cumprido com a sua parte no pacto. Ele só queria se vingar de uns desafetos e não tornaria um demônio tão perigoso indestrutível.



## A TRINDADE INFERNAL

Girlene Abreu & Raquel Limeira



**T**udo começou em Londres, em uma conceituada escola chamada Durmstrang, como não era todas as pessoas que manifestava magia, cada país tinha a sua escola. Em Londres, as crianças que começavam a manifestar a sua magia entre os 7 e 9 anos, os monitores espalhados pelo país começavam a acompanhar até os seus 10 anos, idade com que entravam na escola. Quando entravam na escola, as crianças aprendiam com os professores mais conceituados a entenderem, a controlarem e a aperfeiçoarem sua magia, ficando até os 18 anos, depois seguiriam sua vida profissional.

**D**urmstrang ficava em uma floresta não muito distante da capital, ao seu redor havia um lago azul, onde tinha várias criaturas mágicas aquáticas, como o monstro vermelho, o peixe espada elétrico, que dava energia para o muro que cercava a escola. Só os bruxos conseguiam ver a escola e conseguiram entrar nela através de portais espalhados por Londres. Os jovens bruxos ali estudavam e moravam durante seu período escolar. Quem ali logo chegava, era difícil não se encantar pela beleza exótica do lugar. Além da magia e encantamentos, os bruxos tinham outro artifício extremamente útil como porções e rituais, pelo





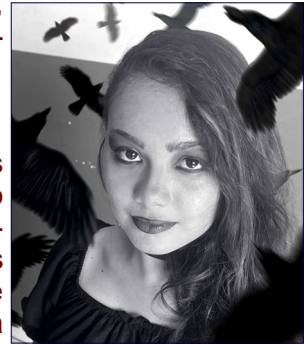


quais suas vontades eram realizadas com os poderes fortalecidos, quando realizados corretamente poderiam se tornar grandes aliados.



**H**

avia dois tipos de bruxos: os mestiços e os puros. Os primeiros que eram filhos só de um pai ou mãe pura eles, por não terem uma linhagem apurada, sua magia era mais fraca e necessitavam do Anel Mágico para poder canalizar seus poderes. Os puros eram filhos de ambos os pais bruxos, sua magia era mais potente e não necessitavam dos anéis, por se sentirem superiores, não era raro haver bullying na escola. E havia três jovens bruxinhas terríveis responsáveis por tirar o sossego dos impuros: Selena, Ísis e Jade.



Selena



**S**

elena, a filha mais velha de Ariadne e Adonis Morgam, pertencia a uma tradicional e poderosa casta inglesa de puro sangue. Ela era magra, era tão branca que contrastava com seus longos cabelos lisos e pretos, mas o que mais lhe chamavam a atenção eram seus olhos negros como as trevas. Rebelde e personalidade difícil desde pequena, só queria ver a tristeza dos outros, fazia o que lhe dava vontade. Com os seus dez anos, espancou um colega por não querer emprestar sua varinha, não era raro quando seus pais eram chamados à escola, mas como eram igualmente arrogantes, gostavam de ver essa maldade. Ela era muito forte e ambiciosa, adorava as estátuas de ouro, relíquias de sua família, aquilo a fazia se sentir importante e melhor do que os demais. Sua magia era tão forte, que em combate, dificilmente alguém conseguia vencê-la.



Ísis era a filha mais nova de Zaira e Calebe Bannet, bruxos de casta poderosa que trabalhavam no Ministério da Magia. Ela era uma garotinha tímida de cabelos curtos e escuros, tinha uma pele morena clara, era encantadora, mas por baixo escondia sua verdadeira faceta arrogante, mimada e preconceituosa. Aos seus sete anos, queria muito ter um coelho escarlate, mas seus pais aceitavam. Para controlar suas crises de birra, eles lhe deram um coelho de pelúcia, sua magia se manifestou de forma tão forte que o transformou em um de verdade. Na escola, usava de sua beleza e carisma para fascinar colegas e professores e, assim os levavam a



Ísis



Jade

**J**

ade era a filha única de Sally e Ariel Smith, bruxos famosos na mais alta sociedade londrina, possuíam uma influência ímpar entre os bruxos. Ela era menina de aparência marcante com cabelos pretos, longos e cacheados, era alta e possuía uma pele clara, Tinha uma personalidade forte, malvada por natureza, se orgulhava em fazer o que quisesse só por ser filha de bruxos renomados. Aos seus nove anos sua mágica se revelou transformando a tia em uma gárgula, em uma de suas crises de raiva. Ela tinha uma habilidade natural de liderança, tinha uma incrível capacidade de convencer as pes-



soas de fazerem o que queria.



Ísis, Jade e Selena se conheceram na escola e logo perceberam que tinham afinidade e algo em comum, eram de linhagens puras e poderosas. A maior diversão para elas era





fazer bullying com os mestiços, não mediam palavras para ofendê-los, nem magia para ridicularizá-los. Selenia, durante uma partida de futebol, chutou a bola com tanta força no rosto de um menino que acabou arrancando a cabeça dele. Jade, no meio de uma discussão com um professor, acabou se irritando e transformou-o em um morcego. Todos os impuros tinham medo e procuravam evitá-los a todo custo, com seus temperamentos instáveis, poderia ser desagradável estar por perto em um momento de fúria. Logo elas receberam a alcunha de Trindade Infernal, onde Jade representava a cabeça, Ísis, a mente, e Selenia, a força.

**A**s famílias puras tinham como costume arranjar casamento para seus filhos ainda crianças entre as linhagens puras, para manter a tradição e poder. do sangue. Há alguns anos a casta Smith e Willard fizeram um pacto para casar seus filhos, Jade e John. Normalmente, os jovens se casavam ao sair das escolas, aos 18 anos. Tais eventos reuniam as mais importantes famílias do reino bruxo, as festas eram regadas ao mais alto requinte, por isso todos ficavam tão ansiosos quando havia alguma.



Trindade Infernal

**J**ohn Willard era o único filho de Jorge e Maia Willard, era um rapaz de aparência marcante, cabelos curtos e claros, alto, pele clara reluzente, educado, generoso, humilde, elegante, estudioso, por onde passava cumprimentava todos, sempre soube dominar seus poderes, mesmo sendo esse encanto, tinha preconceito com os impuros até seu avô falecer. John era muito apegado ao avô, eram inseparáveis, ele sofreu muito com a sua morte, mas com isso ele ganhou um novo amigo que lhe deu muita força e apoio neste momento tão difícil. Essa amizade serviu para romper a barreira do preconceito, pois seu amigo Caio era um impuro, como também tinha perdido uma pessoa próxima, sabia como John estava se sentindo.

**M**esmo sendo um casamento arranjado, John e Jade se apaixonaram, ele sempre a tratou com muito amor e respeito, sempre lhe elogiando e a mimando com flores e chocolates. Quando saíam para passear, andavam de mãos dadas, o jovem rapaz era bastante atencioso aos pequenos detalhes que envolviam sua noiva. Como tinha um olhar diferente em relação aos impuros, sempre lhe aconselhava sobre seu jeito de tratar os mestiços, mas era difícil convencer a Jade.

**N**o último ano dos dois na escola, o momento tão esperado chegou, nas vésperas dos seus 18 anos, Jade, muito apaixonada, mal via a hora de trocar seus votos matrimoniais. Mesmo com o casamento chegando, ela não deixava de fora de seus planos futuros de casada suas grandes amigas. Óbvio que as três continuariam amigas. Faltando apenas vinte dias para o grande dia, Jade começou a sentir John estranho, ele estava cada vez mais distante e saindo com muita frequência sozinho sem lhe avisar aonde ia. Ela, que também estava ansiosa, pensou que esse comportamento dele fosse por isso também, afinal, era um grande salto em suas vidas.

**Q**uando querendo tranquilizar ao seu noivo, Jade decidiu chamá-lo para conversar, ele fingiu que estava tudo bem, mas ela percebeu que ele estava escondendo algo, aquilo a afligiu. Ela chamou suas amigas para segui-lo, iriam descobrir qual era o segredo dele custe o que custasse. Foram para frente da casa dele e o viu saindo, o seguiram até uma cidade vizinha. Chegando lá ele foi a um parque e parecia estar esperando por alguém, até que Eliza, uma colega da escola chegou, Jade quase perdeu o fôlego ao ver eles se beijando.







**J**

ade estava vermelha de raiva, não se tratava apenas de uma traição, ela a estava traindo com uma IMPURA. Ela pulou detrás da árvore em que estava escondida e interrompeu os carinhos do casal, pediu uma explicação a John sobre aquela palhaçada. Ele abaixou sua cabeça envergonhado e gaguejou um pedido de desculpas a ela. A noiva adotou uma postura arrogante que lhe era nata e encarou a outra moça de cima a baixo, quis humilhá-la ao dizer que ela era uma aventura, Eliza deveria se colocar em seu lugar, onde que uma impura poderia pensar que um sangue puro iria querer algo sério com ela. John nunca trocaria uma deusa, maravilhosa e pura, nas vésperas de seu casamento, por um lixo que nunca chegaria aos seus pés em nenhum quesito.

**J**

ohn perdeu a paciência e interrompeu o show dela, pediu para que parasse de tentar ofender a Eliza, respirou fundo e a encarou, disse-lhe que há algum tempo não a amava mais, aquelas atitudes arrogantes e infantis haviam acabado com o encanto que tinha por ela. Não queria mais se casar. Ainda disse que mesmo a Eliza não sendo pura ou inteligente como ela, tinha outras grandes qualidades e as atitudes dela superavam tudo isso. Eliza era uma menina doce, carinhosa, delicada e gentil, qualquer um que a tivesse em sua vida, seria um homem de sorte.

**S**

uvir tudo isso feriu profundamente o ego de Jade, ela o interrompeu, não acreditava que ele estivesse falando sério, quis trazê-lo à razão. Ele deveria se lembrar de tudo o que viveram juntos e do compromisso que ambos tinham com suas famílias. Talvez estivesse confuso com tanto estresse devido à formatura e o casamento. Disse ainda que poderia fingir que aquilo não havia acontecido, mas para isso, ele deveria despachar aquela horrenda de uma vez por todas. John estava cansado dela e não queria prolongar uma discussão sem fim ou sem fundamento, apenas disse que ela não estava entendendo que não haveria mais casamento ou qualquer outra coisa entre eles mais. Não seria justo para os dois ter um casamento sem amor, nunca eles seriam felizes juntos. John pega na mão de Eliza e os dois vão embora juntos deixando a Jade boquiaberta, sem entender direito sobre o que tinha acabado de acontecer.

**S**

elena e Ísis assistiram a tudo e ficaram sem saber o que fazer ou falar para ajudar a amiga delas. Jade que queria humilhar havia sido humilhada, isso fez seu sangue ferver, os sentimentos que tinha por John se transformaram em ódio e desprezo. Deu um grito gutural, se virou para suas amigas e decidiu que era impossível continuar convivendo com os impuros e elas destruiriam todos eles. Para começarem a bolar um plano, deveriam retornar à escola e pesquisarem feitiços mais potentes, então “a mente” do trio iria atrás disso. Ísis foi até a biblioteca às 02:00 horas da madrugada procurar alguns livros de magia proibida, eram assim considerada por ser maléfica, violenta e destruidora. Como era uma grande frequentadora desde seu primeiro ano da biblioteca, logo fez amizade com o bibliotecário, passavam horas conversando sobre as obras ali presentes, por isso sabia que alguns livros ficavam em uma câmara secreta longe do alcance dos alunos. E a entrada para esse lugar era protegida por magias potentes, então seria ali que começaria sua busca.

**N**

ão foi difícil passar pela proteção e entrar na câmara secreta, ela começou a olhar os livros e encontrou o livro mais poderoso do submundo, o Grimoire Lovecraft, se lembrava de algum professor tê-lo mencionado em uma de suas conversas, Era um livro muito grande e capa lembrava uma pele mortal humana, com um formato 3D do rosto de um monstro. Ísis tentou pegá-lo, mas o monstro, antes estático, começou a se movimentar e tentou mordê-la, não seria tão fácil como ela pensava. Primeiro, Ísis fez um feitiço na intenção de paralisá-lo, mas não deu certo. Tentou outros feitiços de atordoamento e nada, nada estava dando certo. Seja fogo, gelo ou raio, o livro parecia imune a tudo. Um tempo



depois se lembrou que magia negra requeria um sacrifício, então decidiu experimentar outra coisa, pegou uma adaga e cortou sua mão que logo começou a minar sangue. Pôs sua mão sobre o livro, o sangue começou a escorrer pingando sobre ele, o monstro abriu sua boca e começou a sorver o sangue e se permitiu ser pego por ela que o escondeu em sua bolsa.



Ísis era inseparável de sua bolsa dotada de feitiços, um deles é indetectável de extensão, no seu interior ela guardava tudo sobre magia que ela julgava um dia precisar, estava sempre preparada. Antes de sair da biblioteca com o Grimoire, usa seus poderes para replicar o livro, usando as mãos, fez um movimento circular e falou “Duplicare-te, duplicare-te”, logo um livro surgiu, era apenas a réplica da capa com o monstro inerte, ela o colocou no lugar do livro original. Depois saiu da biblioteca e se encaminhou para a entrada da escola, Selen e Jade já estavam esperando, juntas passaram pelo portão e logo teletransportaram. Ali haviam decidido traçar um caminho sem volta. Antes do nascer do sol, a madrugada trazia consigo o silêncio e uma forte neblina percorriam as ruas desertas de Londres. Mais para a periferia, na rua Stand 20, em frente a algumas casas antigas, tinha apenas um gatinho brincando com uns jornais que o vento os movimentava. De repente a Trindade se materializou ali, assustando o gatinho. Ísis uniu os palmos de suas mãos e começou a afastá-los enquanto dizia “Abre-te, abre-te”, duas casas começaram a tremer e a se afastarem uma da outra, logo surgiu uma casa antiga e conservada entre as duas.



A casa era de Ísis, era herança de sua avó e somente ela poderia entrar ali, pois sabia da exata localização e feitiço para desarmar a casa protegida contra intrusos indesejados. Era um local perfeito para quem queria privacidade e manter os olhares atentos de curiosos longe. Ela fez uma magia desarmando as proteções e a porta se abriu, ela entrou seguida por suas amigas, foram direto ao porão, que possuía um altar próprio para magia negra. Esse lugar havia sido construído por sua avó, que era devota ao uso de magias proibidas, Ísis retirou o livro de sua bolsa e o pôs sobre o altar. As três se posicionaram em volta do altar formando um triângulo, levantaram o braço esquerdo se puseram ao redor num ângulo de 90° e com a mão direita formavam uma meia lua ao redor do braço oposto. Começaram a falar “Revela-te, revela-te”, isso fez páginas com que o livro começasse a flutuar, sua capa monstruosa se abriu e suas folhas começaram a serem folheadas sozinhas, como que se um vento imperceptível as tocasse.



Era como se o livro pudesse ler a mente delas, ele parou aberto em uma página qualquer, sua folha lembrava uma pele humana ressecada e nela iam surgindo arranhões que começavam a sangrar, como se estivesse alguém cortando com a ponta de um punhal. Quando o sangue secou, era perceptível se tratar do feitiço “Beijo Mortal”, Jade achou muito interessante, já sabia em quem poderia testá-lo. Na manhã do dia seguinte, Jade ligou para John e o convidou para se encontrarem à noite no parque onde aconteceu o primeiro beijo deles, a última conversa entre eles não havia sido amigável, ela queria se desculpar pessoalmente por seus atos deploráveis. Ele se sentiu aliviado, ela parecia ter voltado à razão, de bom grado aceitou o convite, não a amava, mas havia começado a apreciar sua amizade e esperava mantê-la.



As meninas chegaram ao parque mais cedo, tinham muito o que fazer antes da chegada de John. Ísis criou um campo acústico, que tinha por finalidade isolar qualquer som proveniente dentro desta área. Selen lançou o feitiço de camuflagem de modo que quem estava de fora não poderia ver nada que ali acontecia ou qualquer sinal de que havia um caminho passando por ali. Neste mesmo momento, Jade lançava um feitiço indetectável, de forma que a magia que seria usada mais tarde não pudesse deixar rastros para







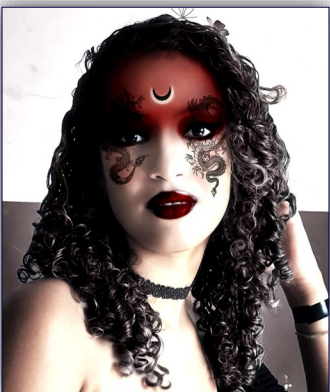
identificação. Algum tempo Jade estava sentada em um banco, parecia curiosa com a jornada de um sapo que tentava pegar um vagalume. John a contemplou por uns instantes, ela tinha uma feição tão calma, teve um bom pressentimento de que iriam ter uma boa conversa. Isso o encorajou a se aproximar e se sentar ao lado dela. Jade ficou surpresa quando o viu, abriu um grande sorriso cumprimentando-o e agradeço por ele ter ido. Ela pediu perdão pelo jeito que tinha tratado a ele e à Eliza, na hora havia sido pega de surpresa e o ciúme a dominou e a fez perder a razão. Eles haviam sido bons amigos por anos, compartilhavam de excelentes lembranças e não queria perder a amizade dele. John se sentiu tão aliviado pelas palavras dela, a perdoou de imediato.



**A**o se despedirem, Jade fez-lhe um pedido, queria um último beijo, querendo ou não, ele havia sido seu primeiro amor e aquilo marcaria o fim do capítulo dos dois juntos e, então estaria tudo superado. Ele a puxou pela cintura com uma mão, enquanto a outra lhe acariciava a face e a beijou. Era um beijo doce e molhado que foi se tornando amargo e seco, ele quis falar, mas seu rosto já estava dormente e pálido. Até que ele caiu de cara com o chão, em frente a Jade, curiosa com o que estava acontecendo. Ísis e Selenia se uniram a Jade e colocaram o corpo virado para cima, John tinha a aparência de uma fruta murcha, havia apenas pele e osso. Jade lhe acariciou o rosto, uma pena que um bruxo puro, tão lindo e inteligente acabasse daquele jeito, mas foi o que ele quis, ao preferir um lixo ao invés de uma deusa. Pois bem, quem queria andar com lixo, se tornaria um também. A jovem bruxa começou a gargalhar e foi seguida pelas amigas, afinal tiveram êxito ao fazer um complexo feitiço. Mas aquilo só havia sido um teste, agora sim iriam começar o trabalho duro.



**D**ebateram bastante sobre os próximos passos, decidiram fazer um feitiço de conexão com o Grimoire, pois esse vínculo fortaleceria os seus poderes, o que seria crucial para seu grande objetivo. Porém, quando se mexia com magia negra, era necessário haver um sacrifício por parte do bruxo na execução dos feitiços. Para realizar a conexão, elas teriam que abrir de boas lembranças e emoções, mas como elas já acreditavam que emoções as enfraqueciam, não tiveram dificuldade em decidir se abster delas. Então as garotas se posicionaram ao redor do livro formando um triângulo, esse posicionamento significava a Trindade Satânica, corpo, espírito e magia. As três fizeram um movimento circular com as mãos e começaram a entoar um feitiço. O livro começou a flutuar bem alto, acima de suas cabeças, o monstro da capa se movimentou e surgiram chamas ao seu redor, depois saiu do livro um feixe luminoso vermelho-laranja indo diretamente para a testa de cada uma delas. O brilho era tão intenso, que ninguém conseguia ver exatamente nada, o livro foi descendo bem devagar, ao mesmo tempo em que a intensidade do brilho ia diminuindo, até que ele voltou para cima do altar.



**A**o terminar o ritual, pôde-se perceber que cada uma delas tinha uma faixa vermelho coral que lhes cobria a testa e olhos. No meio da testa, havia sido tatuada uma meia lua negra envolta de um brilho prateado com as pontas voltadas para baixo, o tom claro de suas peles se acentuou, deixando-as mais pálidas contrastando com os lábios em um tom





vermelho bordô e com a tatuagem de dois dragões negros, um em cada face. Tais marcas significavam uma legião muito poderosa de bruxas, cujo poder primordial provinha da alquimia, o que conferia ao bruxo com habilidade e talento sobrenaturais.

**A** meia lua, junto com a faixa vermelha e o dragão formavam o símbolo chamado de Trilunar, ele estava associado ao renascimento, à destruição e ao caos. Eles conferiam aos bruxos mais sabedoria, força, proteção e liderança. Quando adormecidos, pareciam apenas tatuagens comuns, quando os portadores do símbolo estivessem fazendo um feitiço, a faixa vermelha ficava mais brilhante tornando o vermelho mais vivo, a lua ficava toda prateada e dragão se movimentava passando por cima dos olhos e por toda a bochecha.



próximo passo agora era aniquilar todos os impuros do mundo, elas precisariam de cinco ingredientes: escama da rainha Sereia-Vampiro, as cinzas de uma Fênix Dourada, o sangue do Elfo Negro, o coração do dragão Fúria da Noite e o sangue de um mestiço. Por um lado, o feitiço poderia ser fácil por se tratar de poucos ingredientes, a parte difícil era que a maioria provinha de seres quase extintos e os poucos vivos ficavam em lugares altamente protegidos, teriam que usar força bruta e inteligência.



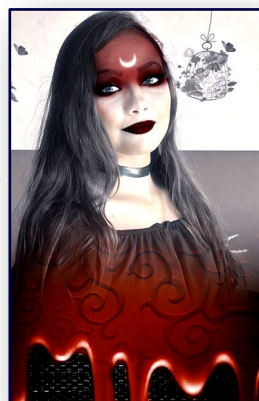
**A** sereia-vampiro era encontrada somente nas profundezas do Oceano Atlântico, bem ao norte, era conhecido como Mar de Atlas, conferindo ao reino de sereias ali o nome de Atlântida, eram sereias-guerreiras que usavam o tritão, arma mágica e poderosa. Isso afugentava qualquer um que quisesse ir ali, bastante territorialistas, não aceitavam visitantes e quem ali fosse, sem ser convidado, virava comida para peixe. Ísis fez uma magia e surgiu três poções e as três a tomaram, logo surgiu uma bolha muito grande em volta de suas cabeças, o que possibilitava elas poderem respirar enquanto estivessem embaixo da água. Pularam no mar e usando magia, nadavam rápido em direção à Atlântida, ao as avis-tarem, as sereias que guardavam o portão de entrada lançaram pequenos redemoinhos na direção delas.



**E** las iam se desviando e se aproximando do portão, chegaram mais sereias e estavam se preparando para soltar um grito supersônico, aquilo sim acabaria com elas. Selenia gritou em direção a eles, os que estavam perto explodiram, Ísis gritou em direção às rochas que começaram a desmoronar e, Jade quebrou o portão e foi em direção à rainha. A rainha percebendo que elas a queriam, se rendeu para que as invasoras não exterminassem todo o reino. Jade pegou seu punhal, cravou no coração da rainha e arrancou-lhe umas escamas.



dragão Fúria da Noite era uma espécie rara encontrada somente na reserva da Floresta Tropical, essa era uma reserva protegida pelo Ministério da Magia, um refúgio para criaturas mágicas em extinção. Essa reserva tinha árvores gigantes, o que deixava a floresta na penumbra, elas teriam que agir na surdina, não tinham a intenção de matar sangues puros. Tinham que ser rápidas e certeiras, então se teletransportaram para o meio da floresta e começaram a procurar por um dragão. Não demoraram a achar um, que logo se sentiu ameaçado e ficou invisível, Jade fez o feitiço do infravermelho, os olhos delas ficaram vermelho e isso permitiu que pudessem ver a criatura, pois tinha sangue quente, ele





estava voando acima delas. Selena pegou um laço dourado mágico e o laço, puxando-o em seguida e jogando-o ao chão. Selena jogou um feitiço e as raízes se enrolaram em volta dele imobilizando-o. Ísis pegou o punhal e foi em direção a ele, o dragão começou a derrear lágrimas, sentiu que iria morrer, ela enterrou o punhal embaixo da asa esquerda e logo puxou o coração dele.



Elfo Negro só era encontrado na Floresta Mágica Oregon, ninguém se atrevia ir até lá pois a própria floresta se defendia e não aceitava nenhum estranho. As meninas foram lá durante a manhã, ao entrar escutaram um grito bem agudo, as árvores estavam se movimentando, fazendo a terra tremer, elas tinham olhos grandes, boca, seu tronco era marrom e seus membros eram verdes. As árvores foram para cima delas, Ísis fez um feitiço chamado magia das chamas, movimentou suas mãos fazendo um círculo para baixo e ao levantar as mãos, as árvores foram queimadas pelo fogo que suas mãos liberaram.



Feito isso, as jovens bruxas caminharam pelo fogo e logo algumas bolas de pedras vinham em sua direção. Essas pedras se abriram, revelando trolls que atiravam pedras. Selena fez um movimento com as mãos formando uma meia lua para direita, assim as pedras que estavam vindo em sua direção se transformaram em pó. Logo, surgiram raios do céu em direção às meninas, Jade fez um campo de força para protegê-las, os raios batiam e voltavam, era o elfo. Ele estava se aproximando delas, Selena, para detê-lo, fez um feitiço com um movimento triangular com as mãos chamado magia aquática, um jato de água do rio que passava ali perto, atingiu em cheio o elfo, o que fez ele desmaiar. Jade então pegou um punhal e cortou a veia jugular interna, com um pequeno frasco, coletou o sangue que ali jorrava.



Fênix Dourada era um pássaro muito raro, Ísis descobriu que só quem possuía essas cinzas era o ministro Samuel Warduell do Palácio Ordem de Magia, onde os bruxos guardavam todo tipos de magia negra. As três foram ao palácio durante a noite, lançaram um feitiço chamado súcubo na secretária do ministro, isso permitia dominar o subconsciente das pessoas. Esse feitiço liberava um feromônio azul delas, que controlava a mente de qualquer pessoa que estivesse perto. Ísis ordenou a secretária que as levasse até à sala do ministro.



Então elas passaram por um corredor que levava até a sala, uns guardas as viram, antes de ter qualquer reação, a secretária saiu do transe profundo e começou a gritar que aquelas meninas estavam invadindo ali. Desta vez elas usam o súcubo vermelho, usado para a morte, os guardas chegaram a levantar as varinhas, mas era tarde demais, Ísis ordenou que se matassem, eles começaram a lutar entre si. As meninas passaram entre eles e foram até a sala do ministro. Selena olhou para trás e deu um leve sorriso, todos os bruxos ali tinham morrido, tinha sido tão fácil dominá-los e entrou na sala atrás de suas amigas, pegaram as cinzas e partiram.



Nas primeiras horas da manhã Eliza, a garota que estava namorando John, estava tomando banho normalmente, de repente começou a ter uma sensação de que tinha algo estranho, mal teve tempo para reagir quando a trindade infernal havia invadido sua casa e a subjugado. Ela era uma peça central no feitiço que iriam fazer, agora tinha tudo e era hora de fazer o feitiço.



Dois dias depois era a primeira noite de lua cheia, o luar garantia aos bruxos mais poder, por isso não era raro vê-los tomando banho de lua ou preferindo fazer complexos feitiços nesta época. As três estavam para as Runas Antigas que ficava na Floresta Negra,







este lugar mágico era favorável para a magia antiga, se tratava de um antigo templo bruxo. Havia um caldeirão dourado com bordas prateadas sob fogo azul celeste entre elas, elas estavam em pontos estratégicos que formam um triângulo, acima delas havia algo branco flutuando e estava imóvel. Ao se aproximar desse objeto, era perceptível que se tratava de uma pessoa, era a Eliza, ela estava de cabeça para baixo, seus longos cabelos balançavam com a leve brisa que lhe acariciava.



**A**s garotas começaram a entoar um feitiço em uma língua estranha enquanto dançavam ao redor do caldeirão em sentido anti-horário, além de movimentar a mão esquerda fazendo gestos de uma lua crescente e, a direita, uma lua decrescente, de modo que as mãos se tocavam nos pontos superior e inferior das meias luas. Esses movimentos juntos lembravam o formato de uma lua cheia e uma fumaça vermelha escura começava a se formar neste espaço, ela se movimentava no sentido horário.

**A**poção tinha uma cor avermelhada escura como a fumaça entre as mãos delas, à medida em que iam colocando um ingrediente, tanto a poção quanto a fumaça iam adquirindo uma cor mais escarlate. Por fim, era a vez do sangue mestiço. As três olharam para cima e jogaram a fumaça em Eliza, pareciam cordas se prendendo ao corpo da jovem moribunda, então começaram a puxar para baixo de modo que a moça ficasse bem acima do caldeirão.



**J**ade pegou um punhal e cortou a aorta, o que fez começar a jorrar sangue dentro do caldeirão. Neste momento a poção começou a borbulhar e onde o sangue começava a cair, começava a adquirir uma tonalidade verde cana até que toda a poção ficasse nesse tom. A fumaça entre as mãos das meninas também tinha essa mesma coloração, elas abriram as mãos fazendo com que a fumaça se transformasse em um feixe de luz avermelhado interligando-as. Depois direcionaram suas mãos em direção ao caldeirão e jogaram a luz ali.

**A**poção explodiu e estava indo para todas as direções em volta do caldeirão, de repente cada gota que havia ali paralisou, logo começou a mudar de cor novamente, uma tonalidade de violeta, e voltou para dentro do caldeirão quase que instantaneamente. Ísis pegou um frasco de vidro vazio e o encheu com a poção. A trindade foi até um rio próximo que abastecia a cidade e jogou a poção nele, água ficou prateada e começou a fazer um redemoinho tão rápido, mas logo parou e ficou normal como se nada tivesse acontecido.



**A**s primeiras horas da manhã uma mestiça estava tomando banho e sentiu-se estranha, seu corpo estava ficando dormente, ao olhar para baixo viu seus pés se desintegrando e virando pó, logo todo seu corpo havia se transformado em um pó avermelhado. Ísis, Selena e Jade estavam no terraço de um prédio contemplando a sinfonia de cores do céu, um azul celeste era invadido por partículas cintilantes avermelhadas e alaranjadas.

**A**o meio-dia não havia mais nenhum mestiço vivo em Londres. Seu plano havia sido um sucesso, a pureza do sangue seria restaurada e o poder dos clãs se tornaria mais forte ainda. Londres era apenas um começo, agora a Trindade Infernal estava pronta para varrer todos os mestiços da Terra.





# O MALIGNO AXOLETHÃO

Kauan Pereira & Sayuri Santos



**H**

há milhares de anos, antes mesmo dos dinossauros, existia uma galáxia chamada de Galeixa, nela tinha um planeta, Rudrânia, neste mundo, sua paisagem era marcada por diferentes tonalidades de cores claras, seu solo era marcado por grandes buracos formando crateras, habitat dos moradores dali. O conceito de tempo e distância deste povo era bastante diferente do que nós conhecemos hoje em dia. Os Rudranianos eram bem desenvolvidos em questão de tecnologia, era um povo pacífico, verde, baixo, com quatro braços, quatro pernas e três olhos grandes formando um triângulo, também tinham duas antenas nas laterais da cabeça. Eles eram muito unidos, não existia briga ou disputas entre eles.



**E**

les estavam fazendo seus afazeres diários, quando um grande computador deu sinal de alerta, uma nave imensa havia entrado em sua galáxia, eram os Axoleths. Eles eram temidos por sua fama de exterminadores de planetas, atrás de poder ou pura diversão, gostavam de subjugar ou aniquilar os planetas juntamente com os seus habitantes. As opções eram simples: viveriam externamente como escravos ou morreriam. Todos da galáxia sabiam muito bem quem eram os Axoleths, planeta após planeta seria aniquilado, os Rudranianos começaram a mandar representantes para os demais planetas, queriam formar alianças para resistir aos invasores, juntos poderiam ter poder de fogo suficiente para se salvarem. Porém alguns planetas julgavam serem bons o suficiente para se defenderem sozinhos, os demais iriam se render, preferiam viver como escravos, mas vivos.



s que tentaram resistir foram dizimados pela arma mais poderosa dos Axoleths, o Raio da Morte, cada nave era capaz de lançá-lo, era uma linda faixa de luz de diferentes tonalidades de azul, mas era capaz de fazer um planeta inteiro desintegrar e virar poeira. Rudrânia era o último planeta, seu povo começou a trabalhar com um único objetivo de achar meios de se defenderem, estavam lutando contra o tempo, mas todas as cabeças pensando juntas em um mesmo propósito lhe garantiam uma boa vantagem. Os Rudranianos sabiam que não iriam conseguir lutar no espaço porque a tecnologia das naves dos Axoleths era superior, então eles teriam que achar uma estratégia para que a guerra fosse em solo, para que pudessem ter uma chance. Para isso, criaram um campo de força magnético, em que seria impossível o raio da morte atingi-los.



**C**

hegada a hora Rudrânia, os Axoleths emitiram uma mensagem holográfica em que eles teriam que se render ou seriam mortos. Os Rudranianos pediram um tempo para que pudessem conversar com toda a população e organizar a rendição, ganharam dois meses, mas a real intenção era se prepararem para a batalha. No último dia, os Rudranianos viram a contagem regressiva terminando lá no céu de e todo mundo já estava preparado para pôr o plano à prova. Os Axoleths estavam crenes na rendição daquele povo, mas na hora de obter a resposta, apenas o silêncio veio.



**E**

ntão seria o fim de Rudrânia, se dirigiram ao posto de comando e ativaram a Estrela da Morte, o raio foi em direção ao planeta, quando ia atingi-lo, algo aconteceu, um campo de força apareceu e o absorveu, era inútil o raio, o jeito era aterrissar e ir ao corpo a corpo. Os cinquenta Axoleths da nave saíram de sua nave todos armados e começaram a lutar, muitos saíram feridos e fugiram, outros morreram, ficando para trás apenas o comandante, o Axolethão. Ele tinha uma armadura tão forte, que os rudranianos não conseguia penetrá-la para matá-lo, era perigoso mantê-lo vivo ali, ele poderia estar se comunicando





com os demais de alguma maneira. Então por precaução, eles descobriram que poderiam usar uma pedra parecida com a opala para construir uma cápsula que o manteria isolado, pois conseguia neutralizar os poderes dele, e poderiam lançá-la para fora de sua galáxia. Mandariam para bem longe aquele poderoso e indestrutível Axolethão.



**E**

ssa cápsula entrou na Via Láctea e sua rota passaria próxima à Terra, quando passou pela órbita lunar, houve um pequeno desvio, de forma que cairia em nosso planeta. Quando entrou na órbita terrestre, foi ganhando cada vez mais velocidade, se a cápsula não fosse feita de um material tão resistente, provavelmente teria sido destruída. Parecia um asteroide flamejante, caiu dentro do mar e acabou parando dentro de uma caverna subaquática ao sul da Pangeia. O impacto de sua queda foi tão devastador que destruiu quase toda a vida do planeta, como os dinossauros, esse fenômeno hoje é conhecido pelo que chamamos de Big Bang. E muito tempo se passou depois desse evento. Em Nápoles, Itália, morava uma bióloga marinha muito inteligente e trabalhadora, era considerada um dos melhores especialistas na área. Estava constantemente pesquisando e adorava mergulhar nos fundos dos mares à procura de novas espécies. Sayuri tinha um espírito aventureiro, era uma conceituada professora da Universidade de Nápoles Federico II, seu trabalho era bastante respeitado entre seus colegas discentes e por seus alunos. Em uma manhã, ela saiu para mais um de seus mergulhos e escapou de um desastre natural que assolou o continente.



**H**

ouve um tremor na cidade de 9,5 graus na escala Richter, que ficou conhecido como o Grande Terremoto, deixando um enorme rastro de destruição em questão de 14 segundos. Às 10h20min, Nápoles presenciou a fúria de um abalo que provocou a destruição de todo os distritos próximos ao Centro e ao Litoral, além da morte de milhares de pessoas. Às 10h30min, helicópteros que ali sobrevoavam testemunharam cenas apocalípticas. A cidade quase toda estava destruída, prédios totalmente desmoronados, grandes fendas rasgavam a cidade quase que fora a fora, casas partidas ao meio, as ruas estavam soterradas de carcaças de construção misturadas a sangue e corpos. Os sobreviventes gritavam de desespero, alguns estavam correndo tentando procurar um lugar seguro, outros estavam presos entre os destroços. Neste dia, mais de 300 mil pessoas morreram e 400 mil ficaram feridos.



**S**

ayuri estava indo em direção a um conjunto de novas cavernas subaquáticas que havia descoberto ao leste da cidade. Um dessas cavernas, ficava perto de um precipício, tinha grandes pedras obstruindo sua entrada. Com o terremoto, essas pedras começaram a se mover e a cair em precipício abaixo, abrindo uma fenda. Isso chamou a atenção da bióloga, que resolveu explorar a caverna. Ao entrar, percebeu que havia um brilho comum em suas profundezas. Era uma grande pedra polida de quase 2 metros que emitia brilhos alternados de diferentes cores, aquilo a deixou perplexa, desconhecia qualquer coisa que se assemelhava àquilo. Achou melhor voltar à superfície em busca de ajuda e equipamentos apropriados para a extração daquela pedra. Ao voltar ao continente, ficou horrorizada com a cena de terror que presenciou, poderia ela ser uma daquelas vítimas, caso não tivesse resolvido mergulhar naquele dia. Mesmo diante deste cenário caótico, não poderia deixar sua descoberta de lado, como a região de sua faculdade não tinha sido afetada, precisava se encontrar um colega docente, Jorge, exímio geó-



Sayuri







grafo marinho para compartilhar o que havia visto.



Jorge, apesar de respeitado, não tinha uma boa fama entre seus colegas geólogos, apesar de competente, era bastante inescrupuloso, gostava de assumir a autoria de uma pesquisa sozinho, deixando seus colaboradores sem uma única menção sequer. Mas como era altamente competente e tinha profundo conhecimento em sua área, ainda era bastante requisitado. Alguns meses depois, uma equipe liderada por Sayuri e Jorge saem em missão da extração da nova pedra do mar. A cápsula estava em lugar de difícil extração, seu tamanho e peso, cerca de 200 quilos, dificultava ainda mais a missão. Mas como foram devidamente preparados, ao final de 12 longas e ininterruptas horas de trabalho estavam com a pedra em seu barco e se dirigiram ao laboratório do geógrafo na faculdade.



Jorge estava maravilhado, nunca tinha visto algo semelhante, de tamanha dureza e beleza. Apesar da pedra não ter brilhado uma única vez sequer, já quase duvidando do testemunho de Sayuri, ainda estava extasiado. Havia uma lasca faltando nesta pedra e seria por ali que tentariam explorá-la. Todas as suas tentativas de perfurar a pedra eram fracassadas, o que aumentava ainda mais seu fascínio e curiosidade. O que poderia haver dentro daquilo? Ele e sua equipe trabalhava de sol a sol procurando métodos eficazes para a perfuração. Numa madrugada, seus colegas cansados e desanimados, haviam ido descansar em suas casas e ele estava ali sozinho. Não era de desistir tão fácil assim, adorava desafios como aquele, e como sempre, acharia uma solução.



Ele estava de costas para a pedra pesquisando algo em seu computador, quando começou a ouvir um zumbido vindo dela. Ao se virar, viu que ela estava emanando um brilho fluorescente em algumas partes e, quando o tom do zumbido mudava, a cor do brilho mudava, assim como a região da pedra que brilhava, ele estava sem palavras, aquilo sim lhe renderia o Prêmio Nobel e todo reconhecimento que merecia. Acabava de descobrir que aquela pedra não tinha origem terráquea, ele estava diante da principal descoberta da humanidade. Não estavam sozinhos e ele tinha como provar, aquela pedra não tinha ido parar ali por um acaso. Sua ambição falou mais alto e tinha que ter aquela descoberta só para si, todo o mundo cairia a seus pés. E por isso ele roubou a pedra e a levou para seu laboratório secreto distante da cidade. Seu laboratório ficava em uma propriedade privada, no meio de uma mata, lugar perfeito para manter os olhares atentos distante. Nesse laboratório trabalhavam outros cientistas e era fortemente defendido por homens de origem duvidosa, mas que eram leais ao dinheiro dado pelo Jorge. Quando ele tentou abrir novamente a pedra, ela fez um zumbido estridente, as cores ainda brilhavam e o movimento das cores era mais rápido. Aquilo significava alguma coisa, estava próximo de descobrir. A pedra começou a abrir, o geólogo quase caiu para trás ao descobrir que se tratava de uma cápsula e tinha ali dentro um ser extraterrestre que parecia adormecido.



O geólogo percebeu que esse ET estava acordando, então ele e sua equipe o colocaram rapidamente em uma maca, prendendo-o em uma maca de alumínio com braceletes e caneleiras de aço. Esse ser poderia até não ser maléfico, mas sua aparência metia medo. Tinha uma boca enorme cheia de dentes afiados, sua pele era lisa e brilhosa como a pele de uma foca preta, no seu corpo negro existiam listras brancas finas. Tinha também quatro longos e musculosos braços com garras poderiam cortar como lâmina, e pernas enormes, que fariam ele se movimentar rapidamente. Não bastasse isso, ainda tinha aproximadamente dois metros de altura, além que rosnava de forma agressiva e profunda, parecia estar sonhando. O geólogo então começou a fazer suas pesquisas no ET, retira uma amostra de seu sangue preto para fazer exames, estavam todos trabalhando a mil/hora. Não perceberam que o Axolethão havia acordado e os observava, Jorge ouviu um barulho atrás dele, não teve nem tempo para se virar, uma longa língua bifurcada o estava enrolando e, em seguida foi engolido vivo. Alguns segundos depois, o Axolethão cuspiu seus os-



so cobertos de sangue e os seguranças entraram na sala atraídos pelo barulho, apenas encontraram os corpos sem vida dos cientistas que ali estavam, a cápsula aberta e mais nada. Do nada, o monstro pulou no meio deles e abriu sua enorme boca pingando sangue, todos os seguranças abriram fogo contra aquela coisa.



**E**

ra cedinho e a Sayuri já estava se exercitando, gostava de correr todos os dias bem cedinho. Sozinha com seus pensamentos, era o momento em que gostava de refletir sobre sua vida. Naquele dia, estava animada com sua descoberta e o que poderia ser aquilo e o que poderia fazer. Com esse pensamento otimista chegou à faculdade disposta a continuar sua pesquisa com a pedra. Ao entrar no laboratório, encontrou os colegas cientistas confusos, Jorge havia sumido com a pedra, aquilo a enfureceu, foi à sala do chefe de segurança apenas para constatar que o crápula do Jorge havia roubado e não havia sinal para onde ele poderia ter ido. Ela pegou o celular e ligou para um amigo também geógrafo, o Kauan.



Kauan



**E**

les cursaram geologia juntos na faculdade de Harvard com Jorge, Estados Unidos da América. Ele era alto, másculo e meio moreno, era bastante requisitado pelas mulheres. Ao se formarem, Sayuri voltou à sua terra natal na Itália, enquanto Kauan tinha aceitado um cargo na faculdade como pesquisador e professor. Além de ter um espírito aventureiro, era extremamente inteligente, era um professor e colega querido e admirado por todos. Além de seu trabalho na faculdade, fazia trabalhos paralelos para o governo americano. Dois dias depois ele chegou a Nápoles e foi se encontrar com Sayuri.



**K**

auan acessou o computador de Jorge e teve acesso à pesquisa dele, ele reconheceu aqueles resultados. Depois foram à sala de segurança ver as filmagens e o que viram, os deixaram preocupados. Ele pegou o celular e discou para um número desconhecido e disse que ele precisava ver o que tinha acabado de ver e mandou os dados e as filmagens. Há alguns anos, ele havia sido convidado a participar de uma equipe de pesquisa ultrassecreta na área 51, ao sul do estado de Nevada. Ali havia um mega laboratório especializado na pesquisa de objetos ou vida de extraterrestres. Eles estavam pesquisando uma pequena lasca de um material semelhante a opala, porém, possuía propriedades únicas nada vistas na Terra. Aquela lasca fazia parte do pedaço que faltava da pedra. Guilherme, chefe de pesquisa da Área 51, terminou de analisar o material que recebeu de Kauan, pegou seu telefone e deixou uma mensagem para o Secretário de Defesa do EUA, eles tinham um grande problema e a humanidade poderia estar em perigo, ele deveria checar o e-mail dele urgentemente. Uma hora depois, o secretário retornou sua ligação dizendo que um helicóptero iria buscá-lo e que encontrariam Kauan e Sayuri e o Secretário de Defesa da Itália na base do exército americano em Vicenza, Itália.



**Q**

uando chegaram à base ultrassecreta, se encaminharam ao subterrâneo usando um elevador, ao caminharem pelos corredores indo para um grande salão, passaram por diversas salas e viram pelos vidros artefatos e até mesmo alienígenas. Ao chegarem no salão, tinha pessoas de altos cargos do governo americano e italiano, além de cientistas especialistas em diversas áreas. Todos foram se acomodando em cadeiras de frente a um telão que começava a aparecer umas imagens do Axolethão. Há três dias foi descoberto esse ser e





já estava sendo monitorado. O marco zero tinha sido o laboratório de Jorge, no dia seguinte, foi visto em uma fábrica de doces e depois um policial relatou ter visto algo estranho na cidade Norte da Costa. Todos ali tinham três objetivos, prever onde seria o próximo ataque do Alien, achar um modo de derrotá-lo e saber como aquela cápsula conseguia contê-lo. Os cientistas então foram divididos em três equipes. Especialistas em TI começaram a movimentar satélites e a filtrar informações que levavam ao paradeiro do Axolethão. Físicos, matemáticos

e engenheiros foram estudar a cápsula. Biólogos, químicos e médicos foram estudar as análises feitas com o sangue e tentar descobrir alguma vulnerabilidade.

**L**ogo foi descoberto que a cápsula na verdade se tratava de uma nave-prisão, além de conter o Alien, ainda tinha informações a respeito do Axolethão. Quem o aprisionou ali, alertava sobre o perigo daquele ser, um holograma mostrava o ataque dos Axoleths à galáxia de Rudrânia, sobre o raio da morte, sobre a invulnerabilidade do Axolethão e sobre um gás que conseguia deixá-lo adormecido. Vendo os compostos químicos desse gás, os cientistas encontraram uma familiaridade com o gás Garlindéu, um agente químico feroz, seria necessário estudar a melhor forma de usá-lo sem matar muitas pessoas. No dia seguinte o mundo parou ao ver uma reportagem sobre um laboratório destruído em Potenza, as imagens das câmeras de segurança mostravam algo nada visto, isso gerou histeria não só nos italianos, mas em todo o mundo. Na mesma hora informaram ao Guilherme sobre objetos não identificados haviam entrado em nossa galáxia e estavam passando por Júpiter.

**O**s exércitos americano e italiano seguiram em direção à Cocenza, segundo aos TI, provavelmente seria a próxima cidade atacada. Os cidadãos ficaram apreensivos com a chegada de tantos caminhões, jipes e até mesmo tanques de guerra, foi dado o toque de recolher a eles. Todos foram para sua casa e rezaram para não ser o que todos estavam pensando. Era noite quando os exércitos foram para uma fábrica, as luzes de lá ficavam acendendo e apagando constantemente. O capitão encarregado dividiu os homens em três grupos, Alfa, Beta e Capa, eles iriam entrar por diferentes pontos, ele ficaria numa tenda externa para coordenar a operação. Mal o grupo Alfa entrou na fábrica, o grupo de operações começou a ouvir seus gritos, um a um estava sumindo até que ninguém mais respondia.

**E**ra claro que se tratava de um ataque, o segundo grupo se posicionou em forma de círculo, estando eles de costa para o centro e ficaram em alerta máximo, mas ninguém se lembrou de vigiar para cima até que o corpo de um soldado despencou todo ensanguentando entre eles. Mal tiveram tempo de olhar e o Axolethão no meio deles, automaticamente abriram fogo e logo depois o silêncio se instaurou. Após muitas tentativas de comunicar-se com o grupo, o capitão havia entendido que todos do grupo Beta haviam morrido também.

**A** esperança dos homens recaiu no grupo Capa, os homens se dirigiram ao lo-







cal de ataque do último grupo, andavam com toda a cautela possível na tentativa de ainda terem o elemento surpresa. Quando chegaram lá, o Axolethão estava terminando de comer os mortos. Imediatamente o comandante do grupo fez um sinal que jogassem o gás Garlindéu, mal o grupo se preparou quando o Axolethão percebeu a presença deles e já partiu para o ataque, estendeu seus compridos braços em direção a um soldado, abriu suas garras e correu para cima dele.

**P**

ara a sorte dos homens o gás fez efeito, o corpo do alienígena começou a amolecer, perdeu os movimentos corporais, até que caiu adormecido aos pés do Axolethão, rapidamente a equipe o amarrou e o levou à base em Vicenza e colocaram-no em uma câmara criogênica. Um problema ao menos havia sido resolvido.

**P**

s objetos que haviam entrado em nosso sistema solar estavam vindo em direção à Terra, eram quatro grandes naves voando em uma velocidade absurdamente alta. Como de costume, antes de atacar, os Axoleths mandaram uma mensagem aos terráqueos dando-lhes o prazo de um mês para se renderem ou morrerem. Agora faltava pouco tempo para o grupo especial trabalhar, os especialistas em TI haviam elaborado um plano em que iria usar todos os satélites para ajudá-los a recriar o raio da morte.

**P**

assado o tempo dado pelos Axoleths, as naves entraram na atmosfera terrestre e cada uma foi para um ponto diferente na Terra. Uma foi para cima do Cristo Redentor, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, a segunda foi para cima da Casa Branca em Washington, EUA, outra foi para cima da Torre Eiffel, em Paris, França, a última foi cima da Australian Parliament House, em Canberra, Austrália. Seria o fim de toda a vida terrestre.

**P**

s especialistas em TI logo colocaram em prática seu plano com os satélites, porém faltava apenas um chegar à sua coordenada específica para que pudessem criar um anel de um raio mortal ao redor da Terra que seria capaz de emitir diversos raios em variados pontos simultaneamente. Quando o último satélite conseguiu se alinhar, as quatro cidades já haviam sido destruídas pelas naves, logo os satélites começaram a disparar os raios em direção às naves, destruindo-as com facilidade. Muitas vidas foram ceifadas neste dia, mesmo assim estavam felizes porque não era o fim de seu amado planeta.

**N**

o laboratório ultrassecreto em que estava sendo mantido o Axolethão estava em puro êxtase, afinal a Terra não estava tão obsoleta perante a extraterrestres mais avançados essa disputa. Abaixo dos homens que comemoravam o sucesso, estava o Axolethão em uma sala no subterrâneo, dentro de uma imensa cápsula de vidro e titânio com diversos tubos criogênicos conectados ao seu corpo. Ele parecia estar adormecido, rendido e inofensivo, logo começou a movimentar a cabeça lentamente para cima e abriu os olhos. Com certeza, os humanos realmente não sabiam com o que estavam lidando, mas um dia descobririam.



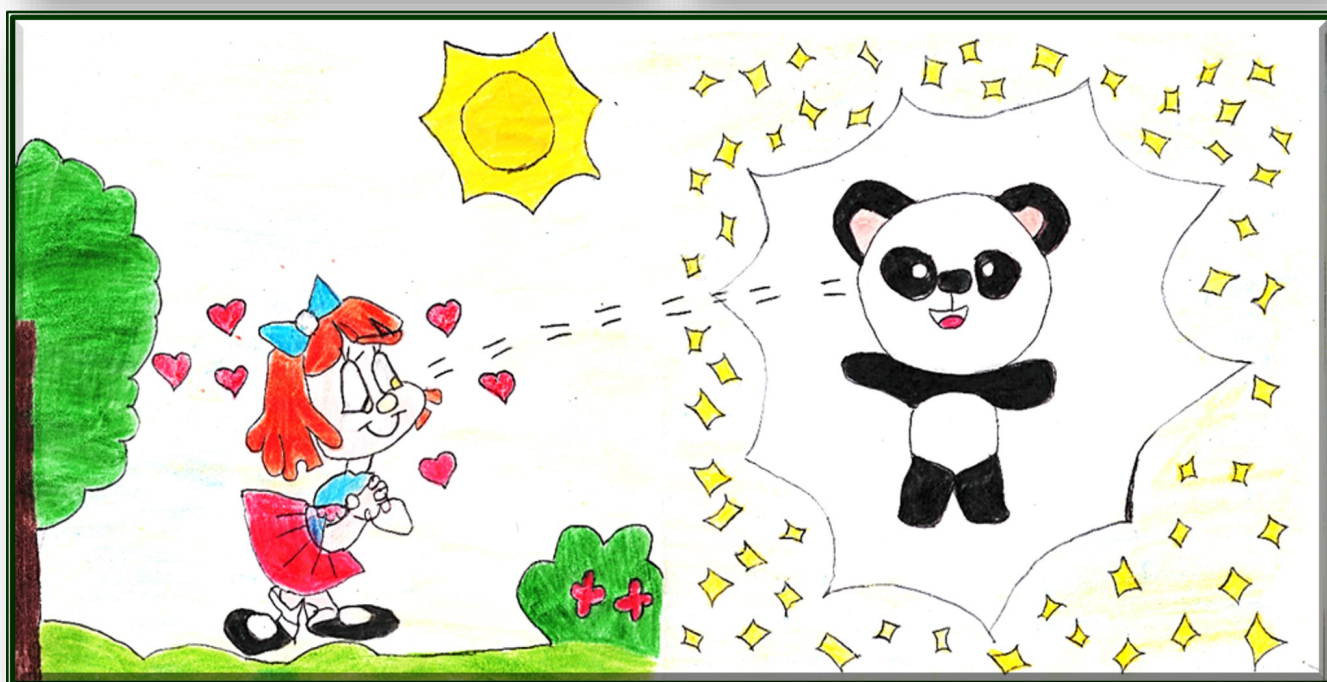
Axolethão



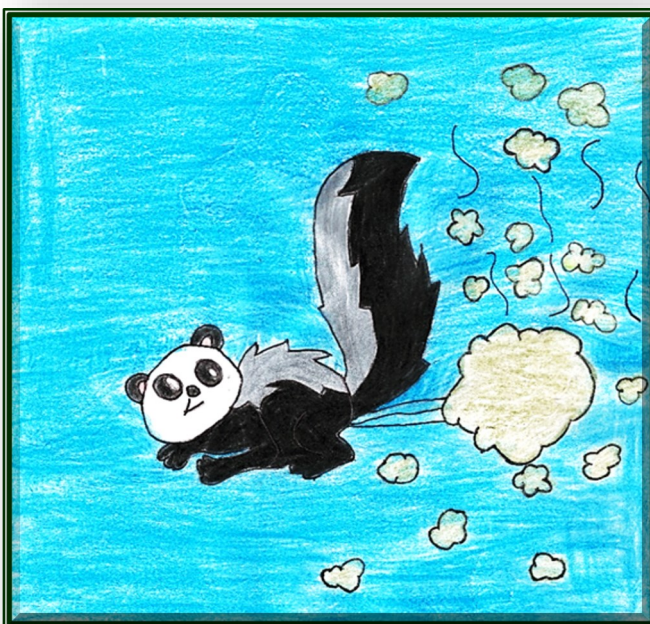


## FLORA E O URSO SAPECA

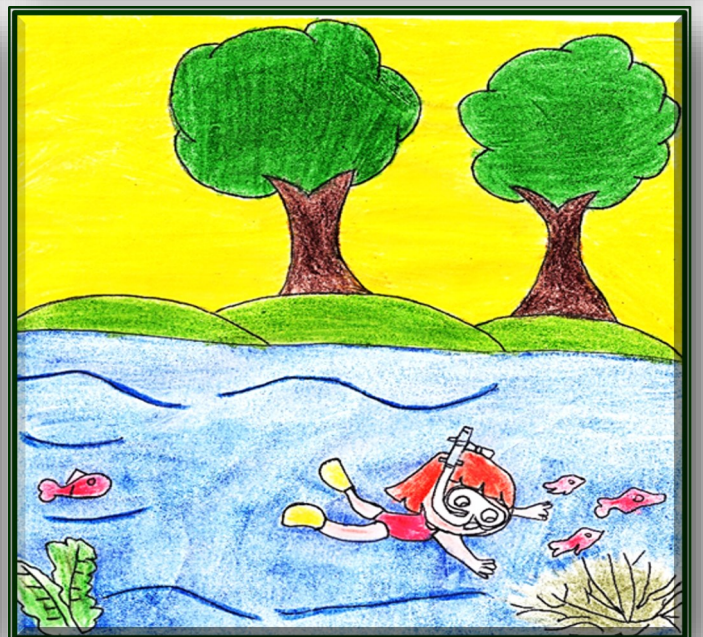
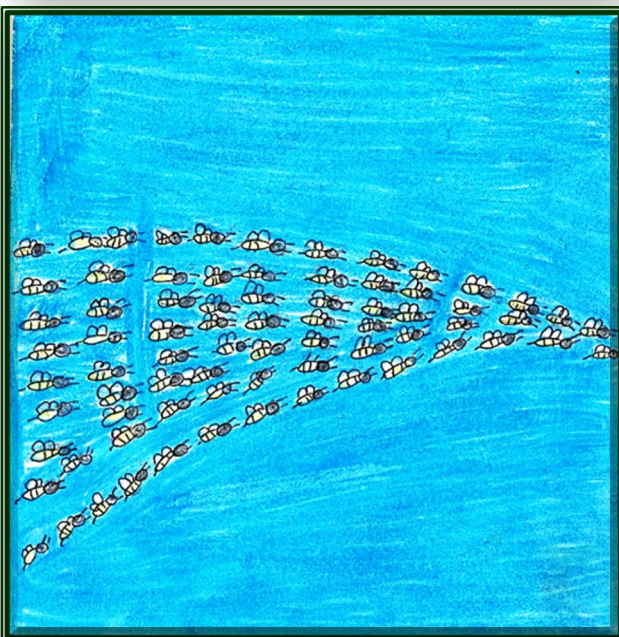
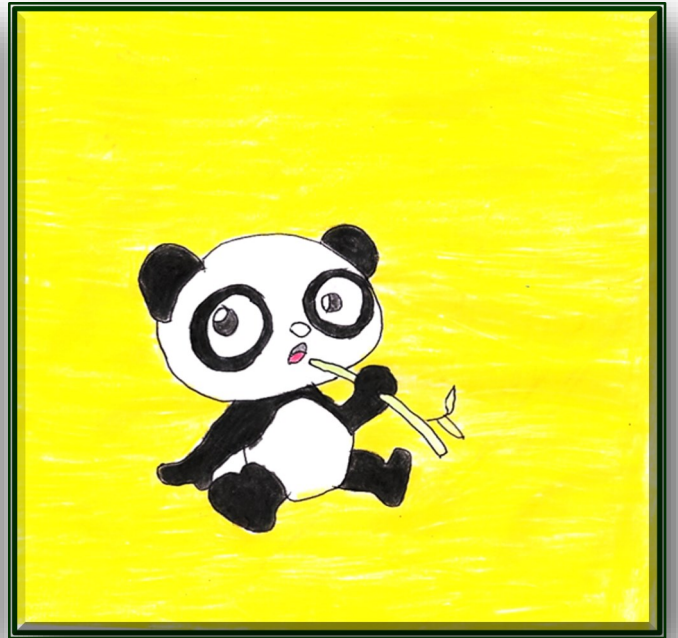
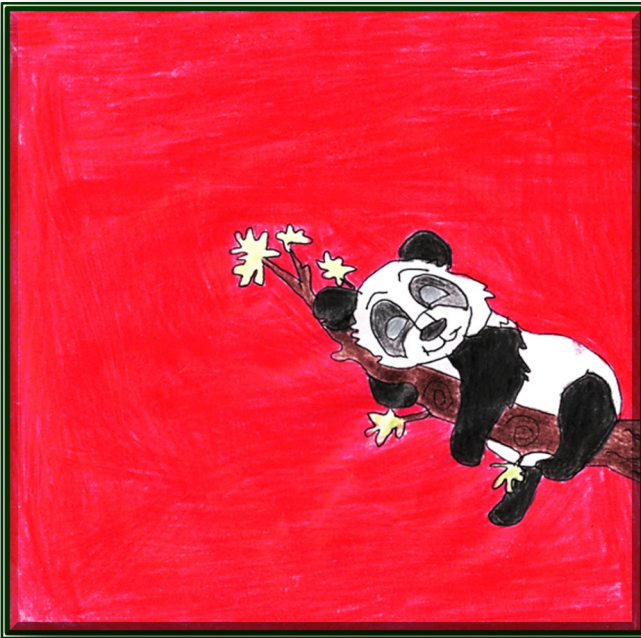
Eloá Sousa, Maria Paula Mota, Gildásio Abreu, Marcos Antônio Silva, Luan Santos, Adrielli Ramos, Maria Eduarda Catucá, Paulo André Catucá, Lucas Bandeira, Ítalo César Chaves, Isabella Sousa, Daniel Oliveira & Elian Paixão



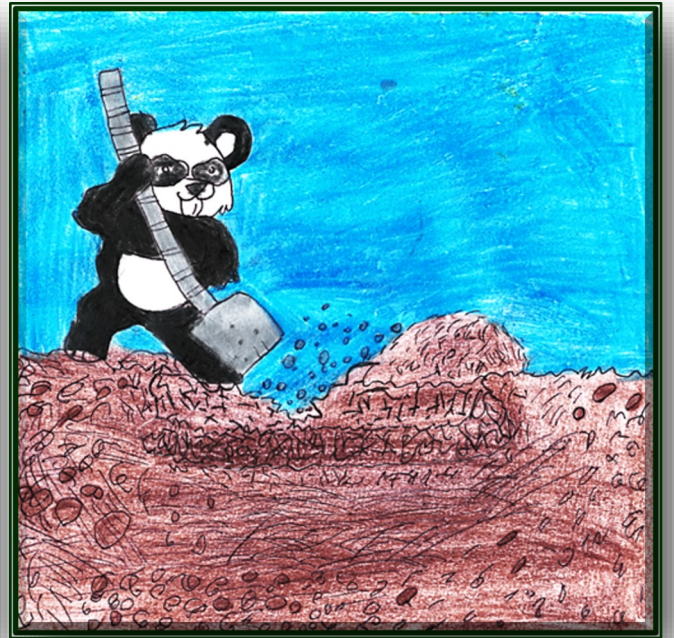




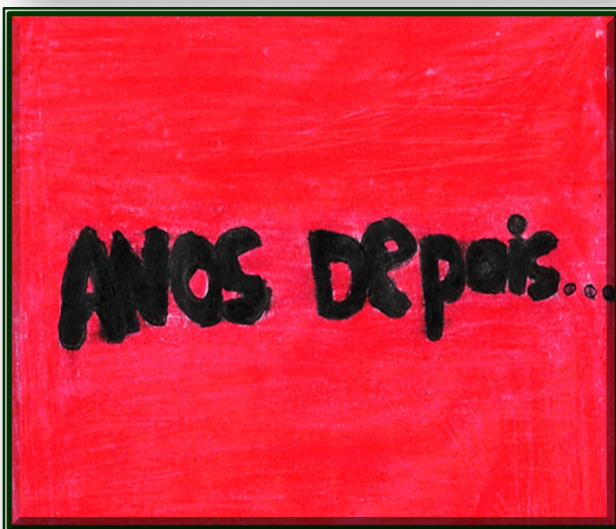














# MÚSICA

## SONHOS PODEM SE REALIZAR

Ana Vitória Bezerra, Cassio Santos, Emanuela Miranda, Girlene Abreu, Kauan Pereira, Karen Jordânia Monteiro, Raquel Limeira, Ronilson Carvalho & Sayuri Santos

Versão da música: **Everyone's a Winner — Greg Bannls**

Quando eu morava na roça, na flor da idade	Mas eu sou decidido e vou até o fim
Só tinha arroz com farinha para comer	Por isso eu passei no vestibular
Água de cacimba era o que tínhamos para beber	O curso de medicina eu fui estudar
Era uma dificuldade para viver	E com louvor, saí de lá
Mas eu era um menino muito sonhador	Em cardio, eu fui me especializar
Eu queria ser médico e salvar vidas	Então um doutor eu me formei
Para chegar lá, eu tinha que dar duro	E fui trabalhar
Com apoio	Minha vida se transformou
Dos meus pais	Eu trouxe meus pais para cá
Fui estudar	E uma casa grande dei para eles morarem
Eu estudava dia e noite, todo santo dia	E vivemos juntos
Pensei até em desistir	Todos em paz
	Com amor

## NÃO PARE, O MUNDO PRECISA DE VOCÊ

Eloá Sousa, Maria Paula Mota, Gildásio Abreu, Marcos Antônio Silva, Luan Santos, Adrielli Ramos, Maria Eduarda Catucá, Paulo André Catucá, Lucas Bandeira, Ítalo César Chaves, Isabella Sousa, Daniel Oliveira & Elian Paixão

Versão da música: **The Scientist — Gabriella**

Vamos conversar	Eu não aguento mais
Sobre tudo que está acontecendo	Mesmo difícil, quero ajudar
Está tudo errado	Por isso eu peço, pare!
O mundo virou de ponta cabeça	Quantos precisam ser ajudados
Tá tudo incerto	As pessoas clamam: "socorro"
Pare	Cadê a empatia que tem no mundo?
Comece a ouvir, nosso recado	Eu procuro e não vejo mais
É muito sério	O mundo ficou sem amor
Estão todos cegos	Nem compaixão, as pessoas têm mais
Pedem socorro, mas ninguém ouve	Não pare de ser a pessoa que ajuda
Ninguém ajuda	E acredita na humanidade
Quero acreditar a humanidade	Não para de ser a pessoa que crê
Mas é difícil de acreditar	Não pare
Tão difícil	O mundo precisa de você
Eu sei que o mundo anda difícil demais	Ouça o socorro!

# FANTASIA

## A SENHORA DAS TREVAS

Ana Vitória Bezerra, Cassio Santos, Emanuela Miranda, Girlene Abreu, Kauan Pereira, Karen Jordânia Monteiro, Raquel Limeira, Ronilson Carvalho & Sayuri Santos

**H**á muito tempo, ainda na Primeira Era, o mundo era povoado por aníma-  
is, homens, seres mitológicos, elfos e feiticeiros. No geral viviam  
em harmonia, cada um em sua terra, sem influenciar na vida dos outros. Os elfos eram  
seres quase imortais, por causa de sua longevidade, eles possuíam uma grande conec-  
ção com a natureza, a origem de seus poderes. Preferiam viver em florestas ou próxi-  
mas a elas para melhor controlar os elementos como terra, vento, água e plantas. Já os  
feiticeiros passavam a maior parte do tempo em montanhas, de preferência onde houvesse fogo, fonte de seu poder.

**A**s cidades do reino dos homens livres se localizavam em áreas planas e próximos a rios, era onde moravam os governadores, protegidas por grandes muralhas de pedra, diferindo dos vilarejos, que eram menores feitas de madeira, porém eram próximas o suficiente das maiores para as pessoas se abrigarem lá contra algum perigo.

**O** rei era o Ronygorn, ele era um homem alto, forte e bastante determinado, não pensava duas vezes se visse seu reino em perigo, protegia seu povo a todo



Ronygorn - rei dos homens livres





custo. Ele tinha dois grandes amigos a quem confiava cegamente: Karlgorn, cavaleiro branco, chefe da guarda pessoal do rei e, Cassygorn, cavaleiro negro, chefe dos guerreiros que protegiam todo o reino.



Karlgn, como um cavaleiro branco, tinha como missão consistia em proteger ao rei e a família real, logo, era difícil vê-los fora do castelo

real. Como esses soldados viviam para servir a realeza, não podiam ser casados ou terem famílias. Ele era um homem sério, não falava muito, gostava de observar e ficava atento a tudo, sua alta estatura e o corpo musculoso, protegido por uma armadura prateada, intimidavam qualquer inimigo. Era também um conselheiro do rei, mas só opinava quando o rei lhe perguntava diretamente e somente em situações mais sérias. Tido como grande sábio, não gostava de se envolver em assuntos corriqueiros, portanto, quando falava, todos prestavam atenção.



Karlgn - chefe dos cavaleiros brancos



é o Cassygorn, como cavaleiro negro, ficava em pontos estratégicos, seja nas muralhas ou em torres de vigílias, com o intuito de proteger todo o reino. Esses cavaleiros eram vistos comumente andando pelas ruas das cidades e campos. Ele era o oposto de Karlgn, sendo mais aberto, brincalhão e gostava de conversar, por isso se dava bem com todo mundo. Ele tinha uma família que morava na cidade, uma bela esposa a quem era devotado e um casal de filhos, a quem era extremamente apegado. Era feliz com sua vida e sua família tornava sua vida melhor ainda.



As florestas onde viviam os elfos tinham uma grande variedade de espécies de plantas e com árvores chegando a quase 30 m de altura, além de elfos, viviam outras criaturas mágicas que eram protegidas por eles. Esse reino era considerado misterioso, para entrar, era preciso usar uma magia, caso contrário, a própria floresta se fechava impedindo a passagem de visitantes indesejados.







s cidades élficas costumavam ficar no centro das florestas ou em regiões montanhosas onde tinha neve. Diferente das dos homens, não



eram protegidas por muralhas e suas casas eram de madeira suspensas entre as grandes árvores. Desde crianças, os elfos eram treinados para se defenderem, portanto, em caso de ataque, toda a população lutava. Bem ao centro da cidade, ficavam os elfos considerados mais indefesos, ficando os mais fortes mais para a periferia.



ada elfo dominava um elemento da natureza, os tormentos podiam manipular as correntes de ar e não era difícil conjurar destrutivos tornados



e furacões. Os aquíferos tinham o poder de manipular todo tipo de água, os terrestres, dominavam rochas e terras. Porém todos eram capazes de manipular as árvores e os mais fortes, dominar a mente.



aryel era a rainha dos elfos, uma guerreira aquífera, alta e corpulenta,

era destemida no campo de batalha usando suas adagas. Era implacável com seus inimigos e junto com Girlenyel, uma terrestre, e Sayuryel, uma tormenta, era difícil haver alguém que ousasse atacar seu reino.



Girlenyel - elfa terrestre



irlenyel era uma guerreira muito sábia, de temperamento forte, mas

possuía um bom coração. Em luta conseguia se sobressair graças às suas habilidades incríveis como a velocidade, vigor, visão apurada, além de exímia arqueira e espadachim.



á os feiticeiros apreciavam a solidão, bastante introspectivos, viviam em suas próprias torres em regiões vulcânicas, próprias como fonte de poder para seus feitiços.

Eles nasciam com esse poder, com o decorrer do tempo iam aprendendo a controlá-lo e ampliá-lo. Podiam controlar o fogo, as rochas, alguns demônios, dragões, além de ter a capacidade de criar seu próprio exército de orcs e ogros. Dependendo do grau de evolução, eles poderiam ser do manto negro, do manto roxo ou do manto vermelho. Geralmente, em cada torre vivia um feiticeiro mais graduado e mais uns 3 ou 4 aprendizes, que além de ali estarem para evoluir seu poder, ainda tinha que fazer os serviços menores para seu mentor.





s feiticeiros não gostavam de se envolver na vida dos outros e não gostava que ninguém se envolvesse na sua vida, mas havia festividades em que eles eram obrigados a participar, como a graduação dos aprendizes ou mudança de manto, bem como, algumas reuniões feitas por Manuon, a rainha, em que apenas os líderes participavam, além das feiticeiras mais íntimas dela, Rakyon e Maryon.



anuon era a única feiticeira do manto negro e detinha o poder de controlar o fogo, o vulcão, além de dominar os demônios de lava. Era considerada rainha porque ninguém era páreo para ela, então, se eram convocados para uma missão por ela, era melhor acatar e ter sucesso ou as consequências seriam devastadoras. Ela tinha um dragão chamado Terror Negro, quando ele estava na plenitude de seu poder, suas asas podiam derreter aço puro, pedra ou até fundir areia em vidro. Era o maior dragão de todos, sua sombra podia cobrir uma cidade inteira, se não bastasse a rainha para amedrontar, o dragão não ajudava muito também.



Rakyon - feiticeira roxa



eu castelo, a Torre Negra, ficava em uma região de difícil acesso por estar entre montanhas e vulcões, era um lugar em que não via alegria, só havia escuridão e cinzas. As árvores que ali nasciam eram cortadas para fazer a estrutura de seu castelo ou para serem usadas no subterrâneo para chocar os orcs e ogros. O subterrâneo era um lugar imenso, cheio de escadas, quem visse, diria acreditar se parecer com um labirinto.



epois da rainha, na escala de comando, vinha a Rakyon, uma feiticeira de manto roxo com detalhes vermelhos que representa muita experiência e poder. Ela tinha o poder da criação da orcs e ogros, que eram guerreiros forjados da cinza, além do poder de dominar a terra e rochas.



m terceiro na escala de comando estava Maryon, feiticeira do manto vermelho. Seus cabelos eram vermelhos-cardeal, seus olhos e boca eram vermelhos-carmesim, o que contrastava com sua pele branca como porcelana.

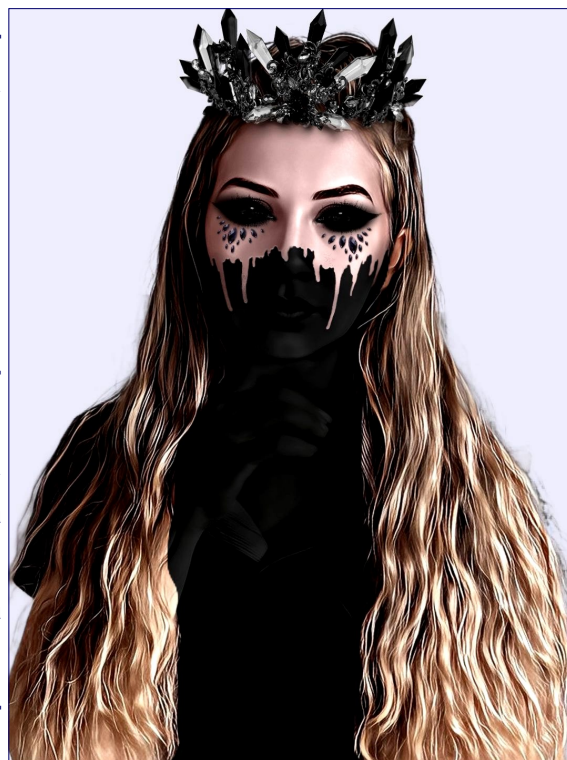




Sua beleza encantadora não revelava o perigo que representava, bastante destemida, era uma excelente general por ser estrategista nata, além de ser centrada em seus objetivos no aumento de poder e grau.



Em um dia, os primeiros raios solares apareciam lentamente e iam abraçando a escuridão anunciando o amanhecer, no alto da Torre Negra estava Manuon contemplando a vastidão e a beleza da terra. Ela havia passado a noite em claro refletindo sobre o que tinha descoberto na noite anterior, o Olho de Pandora, artefato mágico que aumentaria ainda mais o seu poder e domínio sobre as terras. Esse olho era feito por duas pedras muito raras, a obsidiana negra e o diamante rubro-negro, a primeira só era encontrada em uma região élfica chamada Cordilheira das Espadas Glaciais, a segunda, era encontrada apenas na terra dos homens livres, na Vale das Esmeraldas.



Manuon - rainha feiticeira



O Olho de Pandora possuía uma esfera de obsidiana negra, serviria para orientar a ter uma visão ampla, de tempo real, em qualquer parte do mundo, esse ficava dentro de uma cuba feita de diamante rubro-negro com água da fonte eterna. Quando um feiticeiro desejasse saber de alguma coisa, bastava ir ao Olho e pensar numa pessoa ou lugar, o Olho de Pandora logo projetaria um feixe de luz alaranjada com um olho negro na extremidade direção do alvo pensado e mostraria o que a pessoa desejava saber.



O problema era que essas regiões havia muitas cidades, a guerra seria inevitável. Manuon desceu para seu salão de reuniões, puxou a manga direita de seu vestido, revelando seu antebraço com o que parecia ser uma tatuagem negra da serpente mamba-negra. Colocou a palma tem uma membrã preta e colocou a palma da mão esquerda sobre a cobra, que estava parada, logo começou a se movimentar. Esse era um sinal de convocação para os feiticeiros para uma reunião.

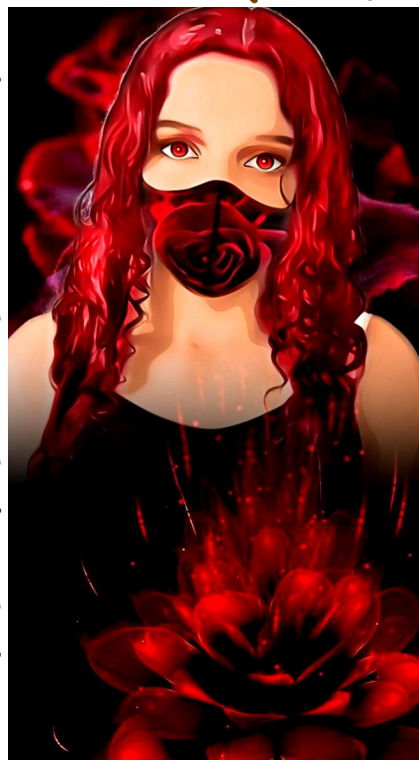


Ela se sentou em seu trono preto adornado com um dragão de cristal roxo com o peitoral de ouro, ele ficava em cima do apoio do trono, sua





cabeça ficava curvada acima da cabeça da rainha e as asas abertas voltadas para frente. Geralmente ele ficava parado, porém quando Manuon se sentava, parecia criar vida. O salão de reunião era todo vermelho com as paredes enfeitadas com estandartes pretos e roxos, ao centro havia uma grande mesa preta feita de carvalho e longas cadeiras pretas com estofados avermelhados.



Maryon - feiticeira vermelha

**L**ogo cedo Maryon estava observando seus aprendizes trabalhando, estavam criando orcs. Gostava de admirar sua torre e o quão era poderosa, logo conseguiria graduar. De repente sentiu seu antebraço direito formigando, sabia o que significava aquilo, levantou sua manga e pôde ver uma cobra negra envolta

de uma luz alaranjada se movimentando em círculos. Era um chamado de sua rainha, tinha que se apressar, Manuon não era paciente quando convocava alguém. Chamou seu dragão e se voou rapidamente em direção à Torre Negra.



Assim que chegou o último feiticeiro, Manuon mandou que todo os dezoito feiticeiros se sentassem e expôs seu plano, iriam conquistar as duas regiões e não deu nenhuma explicação sobre o porquê, não gostava de compartilhar seu conhecimento, o que lhe conferia mais poder ainda sobre eles. Os feiticeiros se indagavam o motivo de tal decisão, seria uma longa e sangrenta batalha, a rainha deveria querer bastante algo que estivesse em poder dos elfos e homens ou na terra deles, mas ninguém ousava contestá-la, sabiam muito bem o que aconteceria a quem a desafiasse.



Os feiticeiros se dividiriam em dois grupos em que Rakyon e Maryon liderariam os ataques que seriam simultâneos, o fator surpresa era um grande aliado. A primeira atacaria a cidade élfica Jesmond, a outra, Gheshmoll, a cidade dos homens. Cada feiticeiro montou em seu dragão e foi para sua torre reunir seu exército e aprendizes, tinham que se apressar para se reunirem para o ataque que seria ao amanhecer do quarto dia.



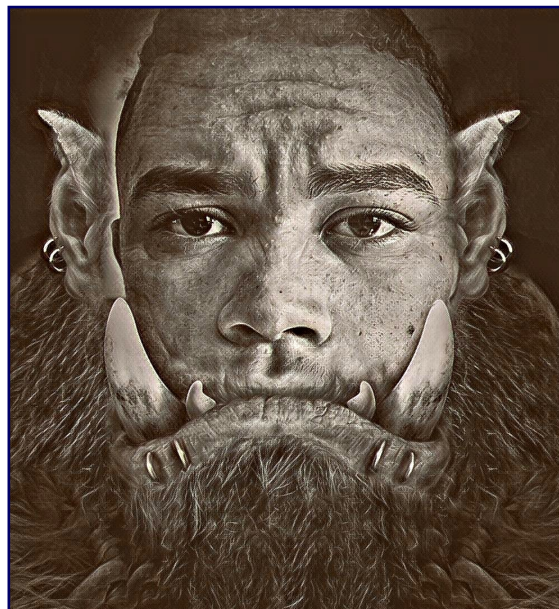
Um pouco antes de amanhecer, Maryon estava sobrevoando com seu dragão sobre a Clareira Perdida, um grande espaço plano situado



ao meio de vários morros, seu exército de orcs e ogros estava chegando. Na frente vinham os orcs lanceiros e seus grandes escudos e estandartes de sua líder, uma bandeira preta com um dragão vermelho ao centro. Os orcs espadachins vinham atrás seguidos pelos orcs arqueiros e pelos grandes ogros de quase 3 metros vinham armados por grandes e antigas armas, como o machado de guerra de Ébano, o mangual ou a estrela da manhã. Por último estava a cavalaria orc, os guerreiros montavam animais que pareciam hienas.



aryon desceu com seu dragão para esperar os demais feiticeiros, não demorariam para chegar. Ela sentiu o chão tremer e viu pequenas pedras pulando, ao olhar para o alto, viu grandes exércitos descendo pelos morros de todas as direções com variados estandartes. Sobrevoando sobre os exércitos, vinham os feiticeiros montados em seus dragões, ela montou em seu dragão e foi encontrá-los, a hora do ataque havia chegado. Iriam marchar à Ghesmoll e aniquilariam a cidade antes mesmo do cair da noite.



Ogro



Os cidadãos de Ghesmoll estavam terminando seus afazeres de um dia normal, já estava entardecendo quando a cidade parou com o barulho do berrante de Zeus rompendo por suas ruas perto do entardecer. Estavam curiosos para saber o que estava acontecendo. O berrante era feito do chifre de um búfalo selvagem, ele era encaracolado e tinha quase três metros, ele ficava no alto do morro mais próximo à cidade e servia como alerta. Um toque significava a volta dos homens da cidade que estavam percorrendo as terras para verificar se estava tudo em ordem, dois toques, algum visitante de outra cidade ou reino amigo, três toques já era perigo, ataque de orcs e ogros de algum feiticeiro se aventurando por suas terras, quatro toques era perigo total, ataque mortal de vários feiticeiros com seus exércitos, o que não acontecia há muito tempo.



Veio o primeiro toque, o segundo, o terceiro, os cidadãos ficaram preocupados, quando veio o quarto e último toque, nesta hora todo mundo ficou aflito, sabiam o que significava. Um ataque conjunto era fatal, uma só cidade não conseguiria resistir por muito tempo sem a ajuda de outras cidades. Todos saí-







ram correndo para as suas casas para se prepararem, homens, mulheres e crianças tinham que lutar e tentarem sobreviver até chegar ajuda. Os homens estavam com as armas mais pesadas para o combate de corpo a corpo, as mulheres e as crianças estavam com os arcos e flechas.



nquanto os moradores se preparavam para defender a cidade, o vigia que ficava no farol Olho de Águia preparava para acendê-lo. Ele ficava no alto do maior morro próximo à cidade, era feito de blocos de pedra, com cerca de dez metros de altura e 8 metros de diâmetro. Tinha uma única entrada, em seu interior tinha uma enorme escada que ia até o cume, onde ficava um enorme amontoado de longos e grossos troncos de madeira. Quando aceso, as cidades vizinhas eram capazes de vê-lo e logo acendiam seus faróis também, replicando o sinal de perigo. Esse era o sistema dos homens para avisar e pedir ajuda em caso de ataque iminente de feiticeiros, além do farol, os mensageiros saíam em disparada para as cidades vizinhas levando a informação de qual era a cidade sob ataque e de quem era o atacante, desta forma, o reino conseguia direcionar suas tropas corretamente.



Quando os últimos raios solares estavam indo embora, Ghesmoll já estava preparada para combate, de repente o céu ficou mais negro ainda, era uma chuva de flechas caindo sobre sua cabeça e ceifando muitas vidas de seus cidadãos. O segundo ataque veio iluminando a noite escura, era flechas com fogo, o que obrigou as pessoas a saírem da proteção de suas casas e o frágil



Orc

muro de madeira começou a ser consumido pelas chamas. No meio deste caos, os orcs espadachins e ogros invadiram a cidade, deixando apenas a destruição por onde passavam. A derrota seria inevitável, os cidadãos tentaram salvar as crianças ao menos colocando-as em cavalos para tentarem sair antes que fosse tarde.



Mal sabiam eles que Maryon acompanhava do alto o combate e viu pessoas tentando abandonar a cidade, ela sinalizou para que os demais feiticeiros ordenassem aos seus dragões pusessem fogo no perímetro da cidade, assim evitando a fuga de qualquer um. As crianças conseguiram sair um pouco antes do ataque dos dragões, conseguiram entrar numa floresta próxima e já tinham uma ponta de





esperança que conseguiriam escapar, porém, mais à frente os orcs cavaleiros já estavam à espera deles.



o entardecer deste mesmo dia, Rakyon se reunia com os outros oito feiticeiros e seus exércitos na cabeceira do rio Tristan, as revoltas águas do rio camuflariam a chegada do ataque a Jesmond, que ficava ali próxima. Para esse ataque, os feiticeiros teriam que entrar na floresta, não era um campo de batalha ideal, visto que isso favorecia aos elfos, então tinham que entrar na surdina e serem rápidos. Para tal fim, apenas os feiticeiros com seus dragões e a cavalaria orc entrariam na floresta. O ataque foi tão rápido e brutal que a governadora da cidade só teve tempo de atirar uma flecha com fogo o mais longe e alto possível em direção à cidade vizinha, Jeswell, antes de ser consumida pelo fogo.



governadora de Jeswell viu um arco de fogo se formando no céu por cima da cidade, ordenou que a tropa se preparasse, Jesmond precisava de ajuda. Ela pegou uma pomba branca e sussurrou-lhe algo, logo ela voou para bem longe em direção à Karyel. Elfos pedindo socorro só poderia significar ataque conjunto de feiticeiros e, se alguém ousasse fazer isso, sabia que isso daria em guerra porque eles não deixariam passar em branco qualquer tipo de ataque ao seu pacífico reino. Ao chegarem em Jeswell encontraram a floresta queimada, só conseguiam ver fumaça e cinzas, porém ao se aproximarem mais, puderam ver uma enorme fileira de estacas com as cabeças de elfos espetadas nelas. Não houve um único sobrevivente, seus corpos estavam empilhados e no alto da pilha de corpos estava o estandarte de Manuon, tal afronta era uma declaração de guerra.



eram as primeiras horas da madrugada quando o exército de Ghesllowd, a cidade vizinha a Ghesmoll, conseguiu chegar, mas já era tarde demais, ainda havia fogo na cidade, na frente da cidade havia estacas com as cabeças dos cidadãos fincadas, ao centro, no meio do fogo, estavam os corpos empilhados com o estandarte de Manuon em cima. Estava ali a declaração de guerra, o rei dos homens livres tinha que saber disso o mais rápido possível, novos mensageiros foram enviados levando essa informação crucial.



o exército de Ghesllowd conseguiu rastrear o exército orc e eles estavam indo em direção à cidade deles, porém eles tinham a vantagem de estarem perto da Fortaleza Branca, este era um refúgio para as cidades vizinhas para se abrigarem em caso de ataque. Ela ficava em um vale, na encosta de uma montanha, o que favorecia a defesa, pois o ataque ali só poderia ser frontal e com sua grande mura-







lha, o ataque de arqueiros inimigos se tornava quase inútil. Além de possuírem balistas e catapultas ao longo da muralha, só havia uma única entrada protegida por um enorme portão de ferro, era um lugar quase impenetrável. Os feiticeiros não sabiam deste detalhe, o que conferia tempo para montar uma estratégia de defesa, o exército de Ghesllowd não perdeu tempo e diretamente à fortaleza.



Quando chegaram à fortaleza, encontraram os demais cidadãos se preparando para a batalha, não poderiam perder tempo, os arqueiros se posicionaram nos corredores na parte superior e interna da muralha. Os demais homens se posicionaram em um pátio na frente do portão, agora era só esperar a chegada dos feiticeiros. O enorme exército orc chegou e se posicionou em uma clareira que ficava bem à frente do portão, que ficava entre dois morros. Ao chegarem, os arqueiros habilmente lançaram um ataque, contudo, as armaduras reforçadas dos orcs e ogros, além dos grandes escudos, lhes conferiam uma vantagem ímpar. Por serem mais fortes e maiores do que um homem normal, poderiam facilmente carregarem armaduras mais espessas, não era qualquer ataque que lhes seria mortal. Teriam que atacar com as catapultas e balistas, tinha que ser o suficiente para conseguirem resistir ao máximo até a chegada de ajuda. Mesmo estando em vantagem, não eram páreos para um exército tão grande como o do inimigo.



Os orcs estavam agitados, começaram a bater suas espadas nos escudos enquanto gritavam algo inaudível, neste momento as fileiras dos orcs lanceiros, que ficavam mais à frente, se abriram em alguns pontos, permitindo a passagem de três ogros com capacete de ferro. Eles começaram a correr em direção à muralha com o topo da cabeça voltado para frente. Dois foram abatidos pelos homens antes que chegassem à muralha, porém o último conseguiu alcançar a muralha, o impacto foi tão forte que conseguiu fazer uma rachadura, com mais duas ou três outras investidas, conseguiu abrir uma passagem suficiente para a entrada do exército orc.



As fileiras dos orcs lanceiros se abriram novamente, desta vez saíram os espadachins em disparada para a passagem, cabia a eles conseguirem entrar na fortaleza e abrir o portão da fortaleza. Os homens lutavam por suas vidas, o estado de espírito era tão grande que estavam conseguindo segurar o ataque, porém os feiticeiros começaram a atacar com seus dragões, enfraquecendo sua defesa. Devido à agilidade em que as balistas conseguiam se moverem em direção aos alvos, conseguiram abater um dragão, freando o ataque dos dragões, como eram raros e importantes demais, os feiticeiros decidiram interromper esse ataque. Não eram muito desejosos de sacrificarem seus dragões a não ser como último recurso.





ovamente as fileiras dos orcs lanceiros se abriram, desta vez os ogros e os cavaleiros orcs passaram para se unirem ao combate,



esse ataque seria fatal e conseguiriam entrar na fortaleza. Um fio de desesperança passou pelos homens, apesar de tentarem resistir ao máximo, não conseguiriam resistir a esse ataque. Neste momento o som de berrante ecoou pelo vale, homens começaram a aparecer no alto dois morros, as bandeiras vermelhas com leões dourados denunciavam a chegada do rei. De um lado estavam Ronygorn e Karlgorn com os cavaleiros e do outro, Cassygorn com o demais exército. Veio o segundo toque do berrante, era chegada a hora do ataque, os homens desceram os morros em direção à entrada da Fortaleza Branca.



presença do rei reacendeu a chama da

esperança, nesta hora não havia mais cansaço, dor ou medo, tinha apenas a necessidade de sobreviver. Os orcs e ogros que estavam em combate foram massacrados, bem como dois feiticeiros que ousaram atacá-los, todo o exército dos homens livres se posi-



Cassygorn - chefe dos guerreiros negros



onou em frente à fortaleza e começou a marchar em direção ao resto do exército orc. Maryon percebeu a grande desvantagem em que estavam e ordenou que recuassem imediatamente antes que o exército dos homens os alcançassem.



esta mesma manhã, Rakyon se dirigia com todo o seu exército à Jeswell, a próxima cidade élfica a ser atacada. Jeswell ficava no alto

de uma montanha de neve, não seria fácil transitar por ali, principalmente para os guerreiros mais pesados como os ogros ou lanceiros, a neve dificultaria o acesso deles à cidade. Por isso, somente os arqueiros, espadachins e os cavaleiros, além dos feiticeiros subiram a íngreme montanha, o restante ficaria na base da montanha sobre um rio ali congelado. Ao chegar no cume perto da cidade, Rakyon avistou Karyel acompanhada de Girlenyl e Sayuryel com todo seu exército, aquele ataque não seria tão fácil como pensava, o lugar também não favorecia, teria que repensar em sua estratégia.







As elfas nem esperaram o ataque para começarem a agir, Girlenyl fez a terra tremer causando uma avalanche, Sayuryel, com o poder dos ventos, guiou a avalanche sobre o exército orc. Os orcs correram para a base da montanha e se refugiaram com os demais, sobre o rio congelado, Karyel rachou esse espelho de gelo, com o peso de todo o exército orc e ogro, o gelo cedeu, fazendo com que a maioria deles caíssem nas águas gélidas e profundas. Apesar de exímios guerreiros em terra firme, a água lhes era altamente desfavorável, além de não serem bons nadadores, o peso das suas armaduras não ajudava.



Sayuriel - elfa tormenta



Nesse momento, as três elfas montaram em seus bem-te-vis e partiram para cima dos feiticeiros, os pássaros eram bastante ágeis, o que facilitava o ataque das elfas, elas iam passando por debaixo dos dragões e os degolando. Rakyon reconheceu que nada mais poderia fazer ali a não ser fugir, era isso ou o resto do exército morreria também. Dois feiticeiros morreram devido à queda de seus dragões abatidos, porém um terceiro havia conseguido sobreviver apesar de estar fatalmente machucado, Karyel foi até ele, colocou sua mão sobre a testa dele e usou seu poder de entrar na mente para entender o que estava acontecendo. Depois de um breve momento, Karyel fechou seu semblante e pôs fim à agonia do feiticeiro ao cravar seu punhal no coração dele.



Ela chamou Girlenyl e Sayuryel, montaram em seus pássaros e foram em direção ao Ronygorn, precisava urgentemente alertá-lo sobre o perigo que corriam. Havia recebido mais cedo a notícia sobre o ataque dos homens por uma pomba mensageira, sabia exatamente onde ele estava e não poderia perder tempo e voaram para a Fortaleza Branca. Quando chegaram, viram um cenário de destruição, orcs e homens mortos, pessoas ajudando a recolher os homens feridos do campo de batalha e levando-os para dentro da fortaleza, ali no meio ajudando essas pessoas estava o rei.



Karyel pousou, se aproximou dele e fez um sinal de que precisavam conversar. Ambos foram ao salão de reuniões, ela expôs o perigo em que estavam era muito maior do que imaginavam, não se tratava de ataques aleatórios de feiticeiros, mas de uma única força liderada por Manuon. Ronygorn fechou o sem-





blante, sabia o significado disso: ou partiriam juntos para cima da rainha feiticeira ou uma a uma, cada cidade seria devastada. E assim nasceu a Sociedade Gornyel, formada pelos homens livres e elfos, juntos iriam à Torre Negra e destruiriam Manuon e todo seu exército de uma vez por todas.



**M**

anuon estava no alto da Torre Negra e observava seus exércitos voltando da batalha. Manuon falou que eles haviam sido encurralados pelos homens livres, o rei havia reunido toda sua tropa e havia conseguido impedir seu segundo ataque. Em seguida, Rakyon falou que todos os elfos estavam esperando por eles no morro de Ghesmoll, se não tivessem fugido, todos teriam morrido, mas um feiticeiro ferido havia ficado para trás. Manuon sabia que era uma questão de tempo para que homens e elfos fossem atrás dela, tinham que se preparar.



**A**

lguns dias depois, seus vigias haviam dito que a Sociedade Gornyel já estava chegando, do alto da torre os feiticeiros estavam lá com seus dragões ao lado esperando pela grande batalha porvir. Ao ouvirem a corneta de guerra, seus corações dispararam de excitação, logo viram o grande exército vindo em direção à torre, eles subiram em seus dragões e se prepararam, diferentemente das últimas batalhas perdidas, agora estavam com sua rainha e todos seus exércitos reunidos. A história agora seria bem diferente àqueles que ousaram achar que poderiam desafiá-los. O exército orc já estava de prontidão, arqueiros espalhados pela montanha e os demais estavam em frente ao portão logo atrás dos escudos de seus lanceiros.



**Q**

uando o exército Gornyel se aproximava da torre, bem à frente estavam Ronygorn montado em seu cavalo, o Porcel Negro, e Karyel montada em um alce branco. O rei fez um gesto ordenando que parassem, os dois reis começaram a discursar sobre a batalha da vida deles, os encorajando a achar todo ânimo e coragem pois não estavam lutando pelos homens e nem pelos os elfos, mas sim pela sobrevivência de todos eles. Ronygorn estava à esquerda e Karyel à direita, ao terminarem seus discursos, desembainharam suas espadas e correram batendo suas espadas nas espadas e lanças de seus homens até estarem frente a frente, seus animais empinaram e os dois cruzaram suas espadas.



**E**

m seguida, os lanceiros se posicionaram para frente da tropa, se abaixaram e colocaram os grandes escudos em sua frente formando uma poderosa parede. Era esperar o ataque para poderem se defender e, se possível, tentar um contra-ataque, apesar de estarem em número superior, tinham a desvantagem de







estarem em campo inimigo. Os orcs os saudaram com uma chuva de flecha que pouco efeito teve sobre eles, além dos escudos, além da Sayuryel lançar uma forte corrente de ar desviando as flechas deles.



Os orcs lanceiros se abriram liberando os espadachins que foram diretamente aos invasores, eles tentariam a todo custo quebrar aquela poderosa parede Gornyel. Os elfos com suas grandes espadas pularam sobre os lanceiros, atacando os orcs espadachins, o que os fez recuarem um pouco, neste momento a parede se abriu, Ronygorn e os cavaleiros brancos passaram correndo em direção à batalha, os homens vendo a coragem de seu rei se animaram e os demais cavaleiros e espadachins o seguiram, estavam dispostos a lutarem até a morte.



Manuon que até neste momento só observava, fez um movimento levantando as mãos, em seguida as grandes estátuas em frente à sua torre criaram vida. Elas se levantaram, empunharam suas espadas e começaram uma grande onda de destruição, pisavam, chutavam e aplicavam golpes com suas espadas em direção aos invasores. Ninguém estava conseguindo passar por elas, Girlenyl se aproximou, era hora de agir e rápido.



Girlenyl ela deu vida a seis árvores gigantes e fez um gesto chamando-as em direção às estátuas. Elas passaram no meio do exército de Gornyel e começaram a lutar com as estátuas até conseguirem imobilizá-las. A elfa então fez com que a terra abaixo delas se transformasse em areia movediça, engolindo as estátuas até suas pernas, deixando-as assim presas.



Maryon liberou suas feras subterrâneas, pareciam gigantescas minhocas explodindo para fora da terra, isso deixou os combatentes surpresos ao ver a quantidade dessas feras saindo e indo em direção a eles. Girlenyl fez um pequeno terremoto, fazendo com que a terra tremesse e começasse a fechar os buracos com pedras por onde as feras estavam saindo. Em seguida, algumas grandes raízes que pareciam brotar do chão e agarraram algumas dessas minhocas e as apertavam até ficarem esmagadas.



Próximo ataque liderado por Maryon foi dos dragões, eles desceram pela clareira cuspidando fogo sobre homens e elfos, queimavam tudo que estava pela frente. Sayuryel movimentou as nuvens trazendo as mais cinzentas para cima deles, Karyel invocou uma densa chuva, assim apagando aquele fogo destruidor. Girlenyl começou a atirar grandes pedras nos dragões, conseguindo assim





frear o ataque matando alguns dragões e feiticeiros em que neles estavam montados.



Manuon franziu os lábios, estava começando a ficar irritada, nenhum ataque de seus feiticeiros estava surtindo efeito, era a hora dela começar a agir antes que a batalha lhe ficasse desfavorável. Atrás dela, dentro da cratera do vulcão, estavam seus três monstros de lavas, os Develews Flamejantes, os olhos da rainha começaram a ficar flamejantes, ela estava conectando e os chamando para atacarem. O Develew era uma criatura das profundezas feito de pura lava e rocha, era enorme com seus 6 metros de altura, possuía chifres grandes voltados para baixo e asas que lhe conferiam o poder de propagar seu fogo. Manuon era a única feiticeira negra justamente por conseguir domar esse monstro, o que lhe exigia muito poder, concentração e resistência, mas quando domados, começou a ter uma conexão mental com eles e facilmente poderia controlá-los.



Os Develews Flamejantes começaram a descer do vulcão indo para a batalha, quando estavam no meio dos feiticeiros, suas pernas pareciam que estavam derretendo, liberando uma poça de lava, aos poucos essa poça ia criando força até que se transformou em uma gigante. Homens, elfos e até mesmo os orcs e ogros começaram a correr o longe mais possível, aquele ataque seria fatal para quem ali estivesse perto, porém foi uma estratégia sem muito sucesso para muitos, a onda lavou a clareira, matando uma grande maioria de ambos os exércitos.



A lava estava se aproximando do lugar onde estavam os reis dos homens e elfos, as elfas chamaram seus canarinhos e foram para o alto, tinham que agir rápido antes que a lava chegasse aos últimos sobreviventes. Girylenyel fez a terra tremer abrindo uma pequena fenda que dava a um lençol freático abaixo deles, Karyel fez com que essa água viesse à superfície através de grossos jatos, Sayuryel com seu poder de vento, formou enormes tornados lançando-os em direção à onda. O contato da água com a lava dos produziu uma densa nuvem de fumaça negra e cinzas caíam por toda a parte, a onda de lava neste momento era apenas rocha. Porém não haviam conseguido salvar Ronygorn e seus homens a tempo, eles foram sucumbidos ao poder da lava.



Develew Flamejante







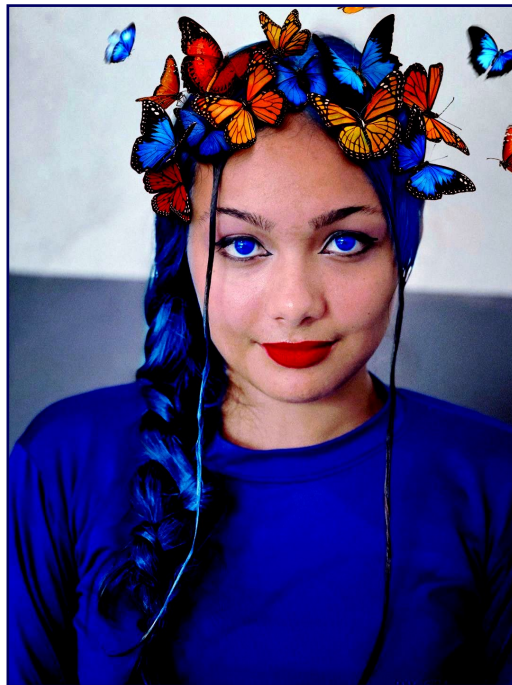
**E**



m seguida, as elfas lançaram tornados em direção aos demônios e já tinha conseguido abater dois, quando o último estalou seu chicote e capturou a Sayuryel, ele a puxou em sua direção e a engoliu, depois arrotou apenas uma leve fumaça branca. Karyel ecoou um grito gutural, havia perdido uma grande amiga e uma fiel guerreira, juntou todas suas forças e com a água restante sobre a superfície, formou um redemoinho de água, assim conseguindo mandar o último Develew, que já estava petrificando, para o subterrâneo.

**K**

aryel ofegante de raiva, fuzilou Manuon com olhar, confiante decidiu que era hora de atacá-la, matando-a, o exército sobrevivente dos feiticeiros se dispersaria. Ela e Girlenyl voaram em direção ao cume da Torre Negra, Maryon arremessou pedras na direção delas, mas foi inútil, as duas desviavam com maestria. Quando chegaram, pularam de seus bem-te-vis, Girlenyl fez brotar raízes para controlar as mãos de Manuon, impedindo-a de usar seus poderes.



Karyel - rainha elfa

**K**

aryel empunhou sua espada e pulou para cima de Manuon. Nesse momento Maryon e Rakyon pularam entre as rainhas, a primeira começou a lutar, impedindo o avanço de Karyel, enquanto a segunda tentava soltá-la. Girlenyl chegou pelas costas de Maryon e a decepou com suas duas espadas, fazendo a cabeça rolar para longe. Ofegante, olhou para Manuon, Rakyon havia conseguido soltar Manuon das raízes.

**A**

s espadas das quatro tinham, enquanto raízes ou pedras apareciam do nada se materializando no meio dos ataques, Girlenyl viu de canto de olho sua rainha ajoelhada, se levantando depois de uma queda, e a rainha feiticeira bem às suas costas já com a espada empunhada, mal teve tempo para se jogar entre as duas, recebendo o golpe mortal destinado à sua rainha. As duas feiticeiras partiram para cima de Karyel, essa tinha uma espada em cada mão e conseguia habilmente lutar contra elas, desferindo golpes ou se desviando deles.





o futuro das criaturas mágicas, homens e elfos dependiam somente dela agora, Karyel sentiu a pressão sobre seus ombros, tinha que dar o máximo de si, isso lhe injetou ânimo e confiança, ao perceber um momento de distração de Rakyon, que havia tropeçado em uma pedra solta e tentava recuperar o equilíbrio, ela aproveitou o momento e enterrou suas duas espadas no peito da feiticeira. Agora só tinha Manuon, que apesar de habilidosa com a espada, não era páreo para ela, pôs o pé direito sobre o ombro de Rakyon e puxou suas espadas, deixando o corpo sem vida caindo no chão e olhou para a outra rainha, balançou suas espadas convidando-a para a luta e partiu para cima dela.



Manuon percebera a desvantagem em que estava, não tinha tempo ou espaço suficiente para fazer algum tipo de magia, Karyel a atacava violentamente e repetidamente, a única coisa que conseguia fazer era se defender naquele momento. Ela precisava pensar em algo e rápido, não iria conseguir conter ou se desviar dos ataques infligidos por mais tempo, o cansaço estava tomando conta de seu corpo, enquanto a outra nem parecia suar.



Logo, a feiticeira viu que havia uma espécie de cone de pedra bem pontuda bem às costas de Karyel, ainda lutando com suas espadas, conseguiu conduzi-la para perto deste cone, em um contragolpe ela conseguiu fazer uma voadora conta sua oponente, golpe resultante de um pulo bem alto combinado com um chute no peito, o que fez com que Karyel fosse arremessada para trás, caindo bem em cima desse cone, sendo empalada pelo peito e morrendo instantaneamente.



Todos os sobreviventes acompanhavam o duelo entre as duas rainhas, quando viram a vitória da rainha feiticeira, os feiticeiros lançaram o último grande ataque fatal com seus dragões matando os últimos homens e elfos. Manuon ainda ofegante observou seu reino em que o fogo, as cinzas e corpos se destacavam. Preferia que seus oponentes tivessem se rendido e entregado o que desejava, havia perdido bons feiticeiros e poderosos dragões, levaria um tempo para recuperar as tropas. Mas como todas as pessoas mais poderosas do mundo haviam morrido ali, ninguém mais teria força ou poder para ir contra ela, teria todo o tempo que precisasse para restabelecer as perdas sofridas.







## A ARARA SOLITÁRIA

Maria Eduarda Catucá, Maria Paula Mota & Paulo André Catucá



**E**ra uma vez uma arara azul que era muito solitária e que não sabia voar, pois certa vez apareceu um grande gavião na árvore onde a arara e seus pais estavam catando alguns frutos para se alimentar. Com medo de serem devorados, eles saíram voando e a ararinha azul se desequilibrou e acabou caindo e machucando sua asinha. Então ela saiu andando sem rumo pela floresta com muito medo e acabou se perdendo. Ela ficou com muito medo de se machucar novamente quando estivesse voando e nunca mais voou.

**A** floresta era chamada de “floresta dos felinos”, pois ali tinha muitos desses animais selvagens. Ao ouvir os barulhos dos animais a arara azul ficava cada vez com mais medo, até que ela começou a ouvir barulhos muito próximos e se aproximando cada vez mais e ela percebeu que era uma onça. A onça estava cheia de fome atrás de alguma presa, então quando a arara avistou a onça se escondeu atrás de alguns arbustos, mas não conseguiu se esconder da onça por muito tempo que quando a viu, mesmo não fazendo parte de seu cardápio habitual, estava com tanta fome que achou que tinha achado sua presa, então se preparou para avançar na arara que com os olhos marejando suplicou:

— Não, por favor não me mate! Eu não sei voar e estou tentando encontrar os meus pais, pois me perdi deles.

**A** onça, mesmo faminta decidiu ajudar a ararinha a encontrar seus pais. Então a onça deitou-se no chão, para que a arara subisse em suas costas e foram indo floresta adentro procurando pistas sobre os pais da pequena arara, até que de tanto andar ficaram cansadas e com sede e resolveram ir até o rio para beberem água. Quando eles chegaram, avistaram um lobo que estava do outro lado do rio, preso em uma armadilha que tinha sido colocada na floresta por caçadores. A onça e a arara resolveram atravessar para o outro lado para ajudá-lo. Foram o mais rápido que puderam. Chegando lá eles perceberam que o lobo estava machucado, e perguntaram o que tinha acontecido.



— Eu estava andando quando caí nessa armadilha e acabei machucando minha perna. — respondeu o lobo.



Então eles resolveram sair dali, cuidarem do ferimento na perna do lobo, e com alguns gravetos fizeram muletas para que ele conseguisse andar. Já estava escurecendo, então eles decidiram construir uma pequena cabana para se aconchegar. Lá os três conversaram e falaram sobre suas vidas. O lobo também ficou



com muito dó da arara e prometeu ajudá-la a procurar seus pais no dia seguinte. No outro dia o lobo amanheceu bem melhor e já podia caminhar, então eles começaram a busca. Depois de muito procurar a arara azul começou a ficar bem triste, pois não tinham encontrado nenhum sinal de seus pais.



— Vamos conseguir encontrar os seus pais ararinha. — disse a onça.

— Mas eu também não sei mais voar. — Retrucou a arara choramingando.

— Também vamos ajudar você a voar.



Passou-se muito tempo e a pequena arara já era adulta e voltou a voar, mas nunca tinha conseguido encontrar seus pais. Então ela passou a viver com a onça e o lobo na pequena cabana que haviam construído, pois tornaram-se grandes amigos. A onça e o lobo cuidavam muito bem da arara e nunca desistiram de procurar seus pais, pois apesar de gostarem muito dela, sentiam sua tristeza e sabiam que ela seria bem mais feliz com eles, já que seus instintos eram diferentes dos felinos.. Certa vez, estavam passeando pela floresta quando de repente duas araras azuis passaram voando pelo céu e a arara azul começou voar seguindo as duas araras. Muito feliz que tinha encontrado pássaros da mesma espécie que a sua, ela pousou em uma árvore em que as duas araras tinham pousado e os três começaram a conversar.



— Nossa, que legal encontrar vocês. Tenho muita vontade de ter amigos parecidos comigo. Eu me perdi de meus pais quando era filhote e vivo com a onça e o lobo, mas apesar de eles cuidarem muito bem de mim eles não podem sair voando comigo para brincar e se divertir porque não tem asas. — disse a arara.



— Nós tínhamos uma filha linda e um dia fomos fugir de um predador e ela caiu na floresta. Quando voltamos para procurá-la, ela não estava mais lá e a estamos procurando até então. Ela já deve estar adulta, mas a reconheceremos assim que a encontrá-la, pois ela tem uma pena diferente embaixo da asa esquerda. — Contaram as araras.



Nesse momento a arara levanta a sua asa e os três se emocionaram muito, pois finalmente haviam se reencontrado. De longe o lobo e a onça observavam a cena e se emocionaram, pois finalmente conseguiram que a arara encontrasse seus







pais.



— Papai, mamãe! Quero que conheçam meus amigos lobo e onça, pois sem eles eu teria sido presa fácil dos predadores e não tinha conseguido encontrá-los vocês, pois eles sempre procuraram por vocês comigo. — disse a ararinha azul.



ela os apresentou e seus pais agradeceram muito pelos cuidados a ararinha e tornaram-se grandes



amigos. Então a ararinha-azul foi embora com seus pais e sempre voltava para visitar seus amigos, pois graças a ajuda deles conseguiu encontrar sua família novamente.



**Moral da história: Realizar nossos sonhos sozinhos pode ser muito difícil, mas em equipe tudo se torna mais fácil.**



## A COMPETIÇÃO DA BICHARADA



Gildásio Abreu, Marcos Antônio Silva & Daniel Oliveira



Em uma floresta havia uma competição muito famosa chamada “corrida dos animais” que acontecia todos os anos. Reuniam-se animais do mundo inteiro, de todas as espécies e de todas as habilidades para competir nessa corrida, pois o prêmio era uma coroa de brilhantes muito desejada por todos do reino animal.



— Eu acho justo que a vitória seja a mim declarada e o prêmio seja dado a mim, pois eu sou o rei da floresta e todos devem se curvar aos meus pés — Dizia o leão com convicção.



— Hahaha! Você só pode estar de brincadeira. — Zombava a raposa. — Você não quer competir porque sabe que não vai vencer e quer nos intimidar com seu poder.



— Isso não é justo com quem veio de longe atrás do prêmio. — disseram as andorinhas.



— Nós concordamos! — Disse o tigre em nome do seu clã.



Todos queriam ganhar e exibiam seus atributos como superiores aos dos outros competidores para intimidar. Porém, tinha um deles que já estava





certo da vitória: a águia. Então se vangloriava para os demais:

— Eu sou a ave de rapina mais rápida do mundo, é lógico que sou eu que vou ganhar a corrida, pois enquanto vocês vão correndo pelo chão eu vou sobrevoando pelas alturas, livre dos obstáculos que vocês enfrentarão. Além disso, nenhum outro pássaro voa tão rápido como eu, fora que vou devorar todos que tentarem passar por mim, eliminando meus oponentes.



Com medo das ameaças da águia, todos os pássaros desistiram da corrida e voltaram para suas casas, temendo serem devorados. Com isso a águia tinha ainda mais certeza da sua vitória. Mas ainda ficaram muitos animais na disputa.

— Quem irá ganhar a corrida será eu, pois eu sou o felino mais feroz e devorarei todos que por meu caminho passarem. — disse a onça, tentando usar da mesma artimanha da águia, mas não funcionou pois todos já estavam acostumados a se desvencilhar dos seus ataques.

— O vencedor será eu! — gritou o macaco — Pois vou distrair vocês com minhas macaquices.

— Errado! — Esbravejou o leopardo. — Irei ganhar a corrida porque darei o meu melhor e serei mais rápido que todos vocês.



ansada daquela confusão, o panda resolveu colocar um ponto final.

— Chega dessa ladainha! Organizaremos a corrida e que vença o melhor e o que for mais rápido.



hegado o grande dia da competição, toda a bicharada estava reunida esperando o grande momento e alfine-  
tavam-se com a intenção de que os outros desistissem da corrida.



Foi dado a largada e todos saíram em disparada. A águia logo passou a frente dos demais pois era muito rápida. Dominando a corrida e confiante na vitória ela começou a zombar dos que estavam atrás. Sorria e fazia trambiques com os outros animais. Parava, pousava, mesmo assim estava com muita vantagem em relação aos outros bichos que corriam o mais rápido que podiam e mesmo assim não conseguiam alcançá-la. Foi aí que fazendo piruetas no ar para zombar dos oponentes, a águia peitou em uma árvore e caiu no chão. Frustrou-se, pois havia machucado uma de suas asas e não conseguia mais voar, faltando ainda muito para a chegada.







Então todos começaram a rir da águia, distraíndo-se e esquecendo da corrida que foi vencida pela tartaruga, que mesmo sendo mais lenta que todos os demais venceu a corrida, porque não contou vitória antes do tempo, não se vangloriou e não se distraiu, pois como tinha ciência de suas limitações não deixou que nada atrapalhasse sua vitória, sempre seguindo em frente, independente do que acontecesse no caminho.



**Moral: Quando nós deixamos distrair por pequenas coisas que aparecem no nosso caminho, perdemos o foco das grandes conquistas.**



## A RAPOSA E A PAPAGAIA



Ítalo César Chaves



Em uma floresta com bastante árvores de frutas deliciosas, viviam muitos animais de várias espécies: macaco, tatu, esquilo, tamanduá, cobras venenosas, entre outros, mas vamos falar de uma papagaia e uma raposa. A papagaia tinha toda sua família na floresta, seus filhos e seus amigos. Ela era muito cuidadosa com sua família e tinha muito medo de que a raposa atacasse todos eles.



Por conta disso ela não ficava um minuto sequer longe de seus filhos e do seu ninho. A raposa tinha seus filhos para dar de comer e não tinha comida para dar a eles. Então ela se alimentava e alimentava os filhos dela de outros animais, como por exemplo, filhotes de papagaios. Então em um certo dia, os filhos da raposa estavam com muita fome e ela saiu em busca de comida para alimentar seus filhotes.



Nesse exato momento, a papagaia não estava em seu ninho, só os seus filhotes e ela nem imaginava o que estaria por vir. Então a raposa em sua busca de alimento, avistou de longe aquele ninho cheio de papagaios. Nessa hora, a raposa pulou de alegria, pois ela já sabia que a refeição do dia já estaria em suas mãos e se prepa-





rou para atacar. Quando os filhos da papagaia mal esperaram ela atacou, todos levaram um grande susto e saíram correndo, mas ela ainda conseguiu pegar um dos filhotes para servir de refeição para seus filhos. Ao chegar em seu ninho, a papagaia logo percebeu que uns dos seus filhotes estavam faltando, mas ela não disse nada. Resolveu esperar que mais uma vez que aquilo acontecesse para tomar providências. Enquanto isso, a raposa alimentava seus filhos na maior alegria, pois seus filhos estavam satisfeitos e ela também.



Assaram-se os dias e a papagaia ficou esperta. Todos os dias ela ficava escondida em uma moita, para que quando a raposa a aparecesse estivesse ali para proteger seus filhotes. Então, em uma manhã de sol, a raposa novamente saiu a procura de alimentos para seus filhos. Lembrando-se da facilidade da refeição passada, foi no mesmo lugar. Ao chegar lá, avistou de longe os filhotes gordinhos que pareciam estar mais ainda deliciosos, chegando a salivar a boca da raposa. A mamãe papagaia escondida na moita, estava observando tudo, atenta para quando a raposa resolvesse atacar.



A raposa veio pisando lentamente, devagar para não fazer barulho e cada vez chegando mais perto. De repente, a papagaia aparece na frente dela, com sede de vingança e pergunta o porquê dela está ali. Então, a raposa diz que precisava de comida para alimentar os seus filhos porque eles passavam necessidade. A papagaia vendo aquilo se fez de compadecida e disse que ajudaria a raposa.



Então, elas fizeram um acordo: a papagaia iria conseguir comida para a raposa alimentar seus filhos e a raposa jamais iriam atacar os seus filhos novamente. Todos concordaram. Então a papagaia conversou com seus amigos para ninguém ajudar a raposa. Passaram-se dias e dias e a raposa estava aguardando com muita fome, mas a papagaia nunca aparecia. Quando seus filhos começaram a morrer de fome, a raposa resolveu procurar a papagaia e questionar sobre o acordo que haviam feito. Zombando, a papagaia disse:

— Você não esperava que eu fosse ser tão gentil depois que comeu um dos meus filhos! — E saiu dando muitas risadas, sentindo-se vingada.

**Moral: Não jogue espinhos no caminho de ida esperando que tenha flores na volta, pois quem fere, esquece, mas quem é ferido, não.**





# CONTO DE HUMOR



## OS QUATRO MEDROSOS

Gildásio Abreu, Daniel Oliveira, Paulo André Catucá & Lucas Bandeira



Em meados de 2019, em uma vilinha chamada de São Raimundo, com aproximadamente 150 habitantes, vivia quatro amigos: Chico, Abel, Avelino e Garapa. Eles eram conhecidos como os quatro medrosos por terem medo até da sua própria sombra. Por serem muito amigos sempre andavam juntos. Como toda vilinha de interior, as pessoas falavam demais. Sempre a tardezinha as senhoras se sentavam na frente de suas casas para reparar e comentar sobre a vida das pessoas que ali viviam.



Garapa, Abel, Chico e Avelino



Para a Mariazinha que mais uma vez havia largado o marido, a filha de Joana que sempre apreciava com presentes caros de um tal namorado misterioso. O Raimundo que tirava da boca dos filhos para viver no bar e os quatro medrosos, que não iam até a esquina sozinhos por estarem sempre vendo coisas assombrosas e por isso andavam sempre juntos, talvez para que a morte ficasse com dúvidas sobre qual levar primeiro e desse tempo os outros correr.



Os quatro homens eram tão medrosos que quando tinha velório na vila desapareciam que ninguém os via, comentava-se que eles ficavam embrulhados da cabeça aos pés com medo da alma do que se foi e tinham mais medo dos mortos do que dos vivos. Cansados de serem zombados começaram a pensar em uma maneira de convencer as pessoas que eles não eram tão covardes assim. Foi aí que um deles teve uma ideia e em um ato de bravura e coragem resolveram passar a noite em um cemitério para provar a todas as pessoas daquela cidade que eles não eram medrosos.



Logo o burburinho se espalhou por toda a vila e não se falava mais em outra coisa.

— Eu só acredito vendo! Diziam algumas pessoas.

— Nem vendo eu acredito! Argumentavam outras.



urante uns dez dias era só o que as pessoas falavam, passou até na rádio da cidade. Foi um fato tão marcante na pequena vila que as pessoas se reuniram em frente ao cemitério para presenciar a cena. Os quatro medrosos passaram todo o tempo refletindo arrependidos da tal proeza e se questionando como iriam fazer para sobreviver a uma noite naquele lugar mal-assombrado.

— Tive outra ideia! — Disse Abel.

— Nem venha com suas ideias, é por sua causa que estamos nessa enrascada.

— Murmuraram os outros.

— Nós vamos sim e vamos provar para esse povo que estão enganados a nosso respeito. — Decidiu Chico e os outros concordaram.



inalmente chegou o grande dia. As pessoas da cidade inteira e das redondezas se reuniram na porta do único cemitério que havia na cidade para assistir ao espetáculo. Não tinha uma pessoa sequer que acreditava que eles iriam cumprir com a palavra. Até que os quatro medrosos apareceram, dispostos a provar sua bravura. Temerosos os quatro amigos caminhavam em direção a entrada do cemitério. O semblante de tristeza e arrependimento que demonstravam parecia até que estavam caminhando em direção ao próprio velório. Chegando lá ficaram parados na entrada. Tremendo de medo, mal seguravam em pé. Passado alguns minutos começaram os burburinhos e uma pessoa disse:

— Quem for o mais corajoso dê um passo à frente. — E todos os quatro deram um passo para trás.



e repente, uma das pessoas para fazer graça soltou uma bombinha no meio da multidão e todos se assustaram. Os quatro, procurando refúgio correram para dentro do cemitério. Quando perceberam o que aconteceu tentaram sair, mas alguém havia fechado a porta para sacaneá-los. Logo depois, ouviram um barulho que os amedrontou. Era só um macaquinho que estava pulando de galho em galho. Assustando, saíram correndo e caíram dentro de uma cova.

— Eu sabia que isso era uma péssima ideia. — Reclamava um deles.

— Vão nos enterrar vivos. — Se lamentava o outro.







— Nunca mais vamos conseguir sair dessa cova. É o nosso fim. — Afirmava ou-

tro.



Depois de muito tempo que eles estavam dentro do buraco, o macaquinho apareceu na beira da cova fazendo macaquices. Quando eles olharam para o macaco, perceberam que a cova não era funda, eles apenas ainda não tinha olhado para cima.



As horas vão se passaram e Abel, Garapa, Chico e Avelino já haviam perdido as esperanças de sair vivos daquele lugar. A cada mínimo barulho eles tinham uma crise de medo, desde aos animais fazendo festa nas árvores até ao vento que batia nas folhas. Cada movimento que acontecia naquele lugar eles imaginavam ser algum ser mal-assombrado que por ali estava. De longe eles avistaram um senhor. Era o vigia do cemitério. Ele estava por ali cumprindo seu horário quando se deparou com os quatro medrosos. Sabendo do que estava se passando no cemitério aquela noite o senhorzinho resolveu pregar uma peça neles. O senhor vem se aproximando e eles enxergaram uma possibilidade de conseguir sair dali.

— Senhor, nos ajude a sair daqui. — Imploraram eles. Estamos presos e não conseguimos sair daqui.

— Eu também. — respondeu o velhinho com voz assustadora.

— Mas o meu corpo está preso nessa dimensão... — Os três amigos se olharam assustados.

— Há muito tempo eu desafiei as pessoas que passaria a noite em um cemitério para provar minha bravura, pois todos me julgavam ser medroso. — continuou o senhor.



Mais assustados ainda com a semelhança da história da criatura que a essa altura já acreditavam ser mal-assombrada, os quatro começaram a se preparar para fugir.

— Naquela noite eu morri. Desde então virei uma alma vagando pelo mundo, sem conseguir partir em paz. Mas eu poderia partir em paz se atraísse outro medroso para morrer nesse cemitério e ficar vagando por aqui. E olha só, consegui quatro! — disse o senhor com convicção e gargalhou assustadoramente.





s quatro saíram correndo desesperadamente de dentro do cemitério e se depararam com as pessoas rindo junto com o senhorzinho, foi então que perceberam que foram enganados, mas já haviam mostrado para todos que não tinham nada de corajosos.



## TRÊS DONZELAS E UM CHARLATÃO

Maria Eduarda Catucá



Existia em uma cidade chamada Chapecó Bonito, um rapaz chamado Florisvaldo. Nessa cidade viviam mais ou menos 1000 habitantes, era um lugar que se assemelhava a um interior, muito verde, cheio de plantações e paisagens naturais maravilhosas. No entanto, não posso dizer que as pessoas daquela cidade eram tão maravilhosas quanto suas paisagens, pois tinham como hobby principal comentar sobre a vida alheia, então não se podia fazer muitas coisas naquela cidade e passar despercebido às línguas das lambisgoias.



Florisvaldo era um rapaz muito cobiçado por todas as moças das redondezas e isso era motivo de muito falatório, pois não era um ser dotado de muita beleza e as pessoas da cidade se perguntavam por que todas as mulheres se encantavam por ele. Era um rapaz de uma estatura muito baixa, se medisse muito era 1,20 metros, andava sempre com um chapéu, roupas coloridas ridiculamente esquisitas e um óculos escuro era sua marca registrada. Mas, tinha uma lábia absurda. Além disso, Florisvaldo era um loroteiro. As pessoas da cidade conheciam sua fama e até tentavam avisar as moças a quem ele enrolava, mas elas ficavam vislumbradas por suas histórias e pela riqueza que Florisvaldo dizia ter.



Segundo Florisvaldo, ele era um cantor de muito sucesso, mas ele “espantava multidões” onde ia cantar, então as pessoas deixaram de o contratar, mas como ele não queria perder o posto de cantor, ele ia aos shows de outras pessoas, esperava o show acabar e antes de desmontar o palco, ele tirava fotos e fazia vídeos como se ele fosse a atração da noite. Nas redes sociais, Florisvaldo ostentava fotos em mansões, mas na verdade morava em uma simples casa de palha. Ele sempre andava com a chave de uma Mercedes no passante da calça, só que na verdade ele andava a







pé, pois só tinha as chaves do carro mesmo. Aonde ele chegava, se vangloriava. As pessoas que não o conheciam, ficavam admiradas e as que os conheciam olhavam com reprovação, pois sabiam que ele não era nada daquilo, mas convenhamos que ter ilusões também é uma forma de se viver.



Nessa cidade havia três moças que acreditavam não se encaixar naquele lugar. Elas procuravam a todo custo uma maneira de sair dali. Não precisa muito esforço para descobrir que todas enamoravam Florisvaldo, pois viam nele a chance de subir de vida. Coitadas, mal sabiam que Florisvaldo não passava de um coitado. Mas, galanteador e canastrão como era, não perdia a chance de passar de partidão. Certa



Da esquerda para a direita - Alice, Melissa e Letícia  
envolta de Florisvaldo

vez ele estava na casa de uma donzela a quem tinha pedido a corte ao seus pais, o nome dela era Letícia. Era uma moça que tinha uma estrutura de uma modelo, seu corpo imitava as curvas de um violão, seus olhos eram como um favo de mel, seus cabelos negros como a noite, seus lábios eram como lindas rosas desabrochadas e sua pele alva como a neve. Todos os rapazes da cidade a cobiçavam, mas seu coração era de Florisvaldo. Seja por oportunismo ou sentimento. Florisvaldo, como já falei era um galanteador. Incontáveis vezes enquanto estava na casa de Letícia seu telefone tocava, era Melissa. Ele inventava desculpas como “ Preciso ir, minha mãe está doente”.



Ia para a casa de Melissa. Melissa era uma moça de cabelos castanhos tamanho médio, olhos verdes como duas esmeraldas brilhantes, lábios rosados, ela também era muito alegre. Moça sonhadora, via em Florisvaldo uma chance de mudar de vida e sair daquela pequena cidade. Minúscula demais para seus sonhos. Quando ele estava com Melissa, lembrava-se que tinha um encontro marcado com outra moça: Alice. Então ele repetia a mesma mentira: “que a mãe dele estava doente”, então ele saía e ia encontrar Alice, sempre enrolando as donzelas, sem que nenhuma desconfiasse de nada e acreditassem que tinham caído nas graças do ricaço. Alice era uma menina linda, tinha cabelos loiro como fios de ouro. Seus olhos eram tão azuis como o azul do céu. Cortejada por todos os rapazes da cidade, havia se deslumbrado com as histórias de Florisvaldo e nesse dia ela ia apresentá-lo aos seus pais, que por conta das outras moças que estava enrolando, já chegou atrasado, causando má impressão aos pais da mo-





ça. Dias depois, em outra ocasião, as três donzelas o convidaram para um jantar no único restaurante da cidade: o restaurante do Seu Osvaldo. Seu Osvaldo era aquele senhor que residia na cidade desde que nasceu e diziam que ele nasceu junto com a cidade, então ele conhecia as pessoas que ali viviam como ninguém e a fama de Florisvaldo também.



Então, sem saber o que fazer, Florisvaldo pediu ajuda para o seu Osvaldo, que por conhecer sua fama de enrolar as moças da cidade, resolveu sacaneá-lo dizendo para ele vir com todas e enrolar as três e que isso iria dar certo bastava, pois ele era muito bom nisso, bastava ele ficar trocando de mesa em mesa. Assim fez o vigarista. Então na hora do encontro, Florisvaldo seguiu a ideia de seu Osvaldo e ficou trocando de mesa a noite toda para que nenhuma desconfiasse.



Não demorou muito para que Florisvaldo se enrolasse nas próprias mentiras e é descoberto pelas três namoradas. Sem saber o que fazer, ele saiu correndo deixando as três moças sozinhas. Seu Osvaldo morrendo de rir da situação que ele mesmo causou foi cobrar a conta das moças, pois não queria ficar no prejuízo, que para seu espanto estavam despreparadas, pois saindo com um “ricaço”, não imaginavam que teriam que pagar a conta e tiveram que lavar a louça do restaurante. E entre ofensas e provocações, as três saíram dali dispostas a conquistar a exclusividade no coração do galã. Florisvaldo achava que depois do que aprontou as três não queriam mais saber dele, mas se surpreendeu com as três indo atrás dele ao mesmo tempo.

— Trouxe um bolinho pra você, Floris. Para ver como eu cozinheiro bem e por isso tem que ficar comigo. — dizia Letícia.

— Eu trouxe um presente, meu amor. — Rebateu Melissa. — Para que saiba o quanto te amo e é comigo que deve ficar.

— Não dê atenção a essas mocreias, meu bem. — Ordenou Alice. — É comigo que você deve ficar, pois trouxe uma torta deliciosa pra você.



Foi então que Florisvaldo ficou de peito estufado e começou a se achar








mais ainda. Vendo que as três estavam caidinhas por ele, continuou as enrolando e eles disputando o seu amor e a sua exclusividade. As três donzelas começaram a competir entre si para que ele decidisse com quem queria ficar, então elas começaram a fazer tudo para agradá-lo, como sua comida favorita. Ele começou a se sentir muito importante porque elas estavam fazendo tudo que ele queria. Logo a cidade inteira tem conhecimento que as três estão na disputa pelo amor do garanhão e zombando, tentam alertá-las de que ele não tem onde cair morto, mas elas não dão ouvidos as pessoas, pois as pessoas daquela cidade falavam demais.

— Estão com inveja que encontramos um homem rico! — iludidas, diziam as moças.

 ão demorou muito para que Alice, Letícia e Melissa cansassem do jogo de sedução de Florisvaldo, então resolveram que ele teria que decidir com qual das três iria ficar.

— Cansamos disso, você precisa decidir com qual de nós quer ficar.

— Lógico que é comigo, eu sou a mais bonita. — Dizia uma.

— Não mais que eu! Por isso é comigo que ele fica. — Argumentou a outra.

— Vocês? Queridas, se enxerguem! Ele vai ficar é comigo. — Rebateu a terceira. — Diz aí Florisvaldo!

— Bem, é muito difícil decidir entre vocês, pois amo todas. Então resolvi que vou ficar com as três, pois meu coração é muito grande pra ficar com uma mulher só.



assim, Florisvaldo, Alice, Letícia e Melissa ficaram. As três continuaram em pé de guerra pelo amor do garanhão e ele se achando o mais galanteador de todos.



## UM DIA DE AULA EM UMA TURMA DO 6º ANO

Ítalo César Chaves, Maria Paula Mota & Luan Santos



Essa história aconteceu comigo há muito tempo, ainda acontece hoje e acontecerá enquanto eu for professor. Eu tenho 56 anos e trabalhei em uma escola da zona rural com uma turma do 6º ano. E todos nós sabemos como é uma turma do sexto ano: com muito com muita energia (para sugar a energia do professor). Eles não sabem falar, precisam gritar, eles não sabem andar, precisam correr, mas são alunos ex-





tremamente carinhosos. Leandro Karnal diz que quem dá aula para o 6º ano é capaz de qualquer coisa no planeta Terra. Ele é um historiador e professor, então ele sabe muito bem o que está falando.



essa turma havia dias ruins e havia dia piores ainda. Os professores sempre chegavam na escola animados e felizes, mas essa turma tinha o poder de acabar com o dia do professor de uma forma que ao sair ele só sabia desejar boa sorte para o próximo que fossem entrar na sala. Era um verdadeiro desafio para o professor dar aula nessa turma, pois eles exigiam muita paciência e energia. Toda vez que eu entrava naquela turma eu me questionava se tinha optado pela profissão correta.



redito que falando assim, vocês podem até duvidar, mas vou relatar algumas coisas que passei nessa turma para vocês terem noção do que estou falando. Já começou pelo clássico, vocês já sabem, sempre que começava escrever algo no quadro a turma em coro pergunta: “É pra copiar? Depois da afirmativa vem outros questionamentos como “É de caneta ou de lápis?”, “Caneta azul ou preta?”, não satisfeitos ainda mandam “Pode escrever de caneta vermelha? E rosa? E verde?”. Não importa se você respondeu a primeira pergunta sobre a cor da caneta tenha sido azul ou preta, eles precisam perguntar a paleta de cores inteira. E não basta responder uma vez, todos vão te fazer exatamente a mesma pergunta e se você perder a paciência, eu sou impaciente e não gosto deles.







m toda sala há personalidades clássicas e nessa turma não era diferente. Tinha a menina que queria ser engraçada e passava a aula fazendo piadas que só ela achava engraçado, mas as pessoas riam, não dá piada, mas riam dela pela forma como contava e achava engraçado, então ela achava que as pessoas estavam achando graça de suas piadas e continuava contando. Tinha também a que chorava por tudo, sempre arregaçava o bocão chorando. Eu pedia para abrir o livro na página x, ela começava a chorar porque havia esquecido o livro. Era dia de apresentar trabalho, ela não havia estudado e chorava. Tinha que fazer alguma tarefa, chorava. Eu costumava dizer aos outros alunos que um dia a fonte secava.



inha a sensível, protetora de tudo que tem vida (e do que não tem). Ia explicar sobre como é feito o presunto, “Ai, tadinho do porco que morreu...”, e abria o berreiro. Ia falar sobre o mel, “Ai, tadinha das abelhas, trabalharam tão em vão.”. Sobre o leite, “Ai, tadinha da vaca.”. Enfim, ela sempre tinha pena de tudo e todos que estavam ao seu redor. Só não tinha pena desse pobre professor, que tinha que ouvir suas lamúrias. Tinha o que só ia para merendar. A aula acabava de começar: “Tio, que horas é a merenda hoje?”, “Tio, que horas são?... É que eu tô com fome!”.



inha o lerdo “Tarefa... Onde? Aqui na escola?”, o que reclamava de tudo “Tarefa de novo?”, ainda questionava “E se eu não fizer?”. Quando tirava notas ruins porque não fazia nada, ainda queria saber o motivo da nota ruim. Eu sempre ironizava: “Bom, como você não fez, sua nota começa com Z e termina com O. Adivinhe!”, ainda era capaz de ouvir “Eita, pois é bem uns “zoito”.



erto dia eu fui à escola e nesse dia eu tive a certeza de que amava a minha profissão. Nesse dia o show começou com as piadinhas enquanto fazia a chamada: “Eduardo Pinto, piu piu, piuuuuu... Euler, Eu leio, tu lê, nós lemos...” E faziam isso com exatamente todos os nomes chamados. Após o estresse da chamada, comecei a dar uma sobre conceito e classificação de oração, conteúdo de Língua Portuguesa. Perguntei se alguém sabia o que era uma oração e como eu sabia, ninguém respondeu. Então, expliquei o conteúdo e após a explicação, pedi um exemplo de uma oração, um aluno se manifestou, para a minha alegria, ele se levantou e estendeu suas mãos com as palmas voltadas para cima e começou “Pai nosso que estais no céu,





santificado seja o vosso nome, vem a nós o vosso reino...”.



odos começaram a sorrir e eu fiz uma advertência que não podia caçar os colegas. Eles me olharam com estranheza e imaginei que por causa da palavra que usei. Perguntei se eles sabiam o significado de caçar, eles procuraram na mente, tentando se familiarizar com a palavra e logo um espertalhão respondeu que na casa dele tinha um para apanhar coco no cocal. E lá se foi eu explicar o significado, nesse momento, o lápis de uma aluna caiu no chão, me abaixei, peguei e o entreguei a ela. Fiquei aguardando o agradecimento, que não veio.



u a repreendi sobre o uso das palavras mágicas e a questioneei sobre que falamos quando alguém nos fazia um favor. A moça ficou me olhando com cara de paisagem. Os outros alunos tiravam sarro e ela continuava sem entender o recado. Utilizei uma metáfora que nossos pais costumavam usar, o famoso “dobrar a língua”. Passem, a menina literalmente dobrou a língua. Depois disso desisti de tentar fazê-la entender.



m um outro momento, na aula de inglês, estava explorando os nomes dos animais. Escrevi ALLIGATOR no quadro e comecei a dar pistas para ele associarem o nome em inglês ao seu significado em português, como “Esse animal é verde mora dentro d’água”. Um dos alunos afirmou convicto que era um hipopótamo, depois que era um papagaio. Como dizia o professor Raimundo, da Escolinha do professor Raimundo: “e o salário ”.



essas horas realmente penso na minha aposentadoria, mas confesso que quando chego em casa, sorrio desses acontecimentos, pois são histórias únicas e reais para se contar depois. Eu poderia passar horas ou dias citando essas situações engraçadas que aconteceram no decorrer dos anos de docência, mas agora preciso descansar, pois amanhã mais um dia estressante me aguarda. E por falar nisso, quanto tempo falta mesmo para a minha aposentadoria?





